



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO

FAPENÁ



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – DHG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA  
E DINÂMICA DO ESPAÇO – PPGeo

Pindaí

KATIUSE MENDES LOPES

CAMINHOS DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO LUGAR: Pindaí – Ilha  
do Maranhão

São Luís - MA  
2021

**KATIUSE MENDES LOPES**

**CAMINHOS DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO LUGAR: Pindaí – Ilha do Maranhão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço – PPGeo, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito parcial para obtenção da titulação de Mestre em Geografia.

Linha de pesquisa: Dinâmicas Socioterritoriais, Modernizações e Desigualdades.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rosa Marques

São Luís – MA

2021

Lopes, Katiuse Mendes.

Caminhos da percepção ambiental no lugar: Pindaí – ilha do Maranhão / Katiuse Mendes Lopes. – São Luís, 2021.

124 f

Dissertação (Mestrado) – Curso de Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientador: Profa. Dra. Ana Rosa Marques.

1.Fenomenologia. 2.Lugar. 3.Percepção ambiental. 4.Pindaí. I.Título.

CDU: 911.372.2(812.1)

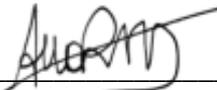
**KATIUSE MENDES LOPES**

**CAMINHOS DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO LUGAR: Pindaí – Ilha do Maranhão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço (PPGeo) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Geografia.

**Aprovada em: 24/03/2021.**

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. Ana Rosa Marques** (Orientadora)  
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



---

**Prof. Dr. Eduardo José Marandola Júnior** (Examinador Externo)  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)



---

**Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza** (Examinador Interno)  
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Ao Deus da vida, Pai, Filho e Espírito Santo.

À minha família, com Amor e carinho a minha mãe Marinete, minha irmã Ana Karine, aos sobrinhos lindos da tia Ulisses, Ana Cecília, João Lucas e Luiza Helena, aos primos-sobrinhos Emanuel e Kauã, as primas-irmãs Keila, Keyse e Claudia, e todos/todas que compõem a família Mendes Lopes. Às amigas e amigos que me permitem a convivência, a troca e tornam o meu caminho mais cheio de flores. A minha orientadora Ana Rosa Marques.

## AGRADECIMENTO

Ao Senhor Deus de infinita bondade e misericórdia que ama e cuida de todos nós;

À família, a minha mãe Marinete por seu Amor (é recíproco mãe lhe amo) e cuidado, por ser minha referência de integridade, simplicidade e bondade. A minha irmã Ana Karine pela amizade e companheirismo, aos sobrinhos e primos-sobrinhos pela alegria, as primas pelo apoio. A minha tia-vó Aldenora pelo carinho e amor; a minha vó Serafina pelo carinho e amor; ao meu tio Mendonça por sua ajuda; ao meu Pai de coração Antônio Carvalho Porto (*in memória*) por significar a presença paterna em minha criação, pelo amor e cuidado; ao meu vô/papai Manoel Pereira Lopes (*in memória*) por seu carinho; a minha vó Maria (*in memória*) por nos considerar suas netas; a Digé pelo seu carinho e ajuda e a toda família Mendes Lopes;

Às amigas e amigos Elaine Silveira, Jefferson Santos, Taize Costa, Rejane Moraes e Zeliane Costa (Gratidão por tudo) as palavras são insuficientes para descrever meus sinceros agradecimentos pela ajuda, então expresso minha amizade e carinho a vocês;

A turma do Mestrado 2019.1 pelo aprendizado, com carinho ao Idevan Gusmão, Gleyce e Gisele pela convivência;

Gratidão pela ajuda com o mapeamento a Edelson Maciel, agradeço de coração a agradável convivência e sua amizade, estendo gratidão à Paulo Pereira pela convivência em Campinas, a amizade e a ajuda com o mapa comparativo;

À Nana Alves pelo atendimento, presteza e convivência no mestrado com seu chamamento de atenção e conversas para o bom andamento do processo;

Ao amigo Cyrille Barbot pela amizade, carinho, palavras, presença constante mesmo à distância, e pela tradução do resumo neste trabalho; sem palavras para demonstrar minha gratidão a irmã/amiga de coração à Linalva pela amizade e presença/ajuda na vida se estende a Graças pela amizade e companheirismo;

Externo minha gratidão a Theotônio Fonseca pela revisão gramatical deste trabalho; a Carliane Sousa pela arte, ao Edivan Guajajara da mídia Índia pelo portfólio digital, agradecida de coração;

Agradeço pela disponibilidade e contribuição aos moradores/vizinhos que concederam a entrevista, meu carinho e muitíssima obrigada de coração: Aurélia, Arlete, Adriana, Ambrozio, Braúlio, Eliete, Dayane, Fernanda, Franciomar, Francisco, Genú, Graça, Ilziane, Júnior, Lélia, Louridane, Luciana, Luciane, Lucimere, Luzanira, Maria Cecília, Maria

do Carmo, Maria José, Maria da Paz, Morena, Nonato, Suelma, Vênis, Wang e minha vó Saroca. E também ao João Ricardo e João Márcio Mendonça, muito obrigada;

Fico emocionada ao externar minha gratidão à Professora Dra. Ana Rosa Marques neste processo do mestrado sua orientação em relação ao trabalho desempenhado com maestria e orientação/motivação/apoio para vida com sabedoria.

Estendo a todos(as) professores (as) do programa que compartilharam conosco seus saberes, nas pessoas dos professores Claudio Eduardo, Luizinho e o Professor Fernando, e também ao professor Cristiano agradeço a indicação ao estágio na Unicamp.

Seria bom se pudesse poetizar esse agradecimento aos Professores Arilson e Marandola que gentilmente são banca deste trabalho, com um vasto conhecimento e saberes poéticos que encantam a vida;

A UEMA, PPgeo, FAPEMA e Geders pelo espaço e financiamento da bolsa;

A todos e todas meu carinho, minha gratidão que se estende além dos mencionados.

“Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado”

(Ex, 3-5b)

## RESUMO

A motivação deste trabalho dissertativo se deu a partir da vivência que tenho no lugar Pindaí, como oportunidade de recordar, refletir e seguir. Num processo sistemático de materialização das informações para transformá-las em conhecimento, dessa maneira registrar os indicativos das memórias e experiências vividas como caminhos da percepção do meu lugar: Pindaí. Este, geograficamente, insere-se em dois municípios, de Paço do Lumiar e São José de Ribamar; ambos localizados na mesorregião norte maranhense e na microrregião da aglomeração urbana de São Luís, na Ilha do Maranhão; trata-se, portanto, de um povoado limítrofe situado à margem da MA-201. Diante das mudanças que ocorreram no povoado Pindaí ao longo dos últimos 20 anos, surgiu a inquietação para realização deste estudo: A partir da experiência dos sujeitos espaciais do lugar alcançar a percepção ambiental que desponta em geografia vivida? Neste contexto, apresenta-se como objetivo Geral: Interpretar a Percepção Ambiental dos sujeitos espaciais sobre o processo de metamorfose socioambiental. E os objetivos Específicos: Levantar os traços geográficos e históricos, culturais e religiosos, e socioambientais; caracterizar a configuração do povoado Pindaí com base em dados georreferenciados e dados descritivos dos sujeitos espaciais e por fim, organizar um portfólio digital com imagens do cotidiano inserido em um processo de construção participativa no lugar. Utilizou-se a abordagem fenomenológica para descrever o lugar, sentir e interpretar a percepção dos sujeitos espaciais e assim alcançar os objetivos salientados, calcada na pesquisa qualitativa, reflexão bibliográfica, pesquisa de campo e para confecção dos mapas se utilizou do software Arcgis no laboratório Geomap- Uema. A partir desses diálogos e reflexões tem-se como resultados: o aporte teórico conceitual do lugar, os traços geográficos, históricos, culturais e socioambientais do povoado Pindaí, com a delimitação e localização da área de estudo, a ancestralidade indígena Gamela como sendo os primeiros habitantes, a observação sobre o padrão de construção das casas, que em sua maioria eram de taipa e palha, a renda basicamente da agricultura, do extrativismo do coco babaçu e da pesca, e a identificação do patrimônio arqueológico como a Camboa de Pedra e os Sambaquis que estão relacionados com esta herança dos povos originários. Foi elaborado um mapa da religiosidade, um aspecto cultural muito diverso no qual destaca-se os cultos de matriz africana com a presença de Terreiro de Mina e de Umbanda, das Igrejas Evangélicas principalmente neopentecostais e a Igreja Católica. Foi constatado que o processo de urbanização intensificou as alterações visualizadas no mapa comparativo do uso da terra com o aumento da área construída, outras alterações no lugar são percebidas como mudança no padrão de moradia e algumas implicações ambientais (aumento dos resíduos sólidos, retirada da vegetação e desgaste do Rio Santo Antônio). Observa-se que a percepção ambiental dos sujeitos espaciais sobre o processo de transformação socioambiental no povoado está muito viva e com a ciência sobre as novas marcas de cercamento, da relação de vizinhança e a presença da violência e drogas. Assim, as narrativas e desenhos dos sujeitos espaciais possibilitaram a interpretação da percepção ambiental e a organização do portfólio digital tornaram possível ampliar o pensar e refletir o lugar, consolidando o trabalho.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Lugar. Percepção Ambiental. Pindaí

# CHEMINS DE PERCEPTION ENVIRONNEMENTALE DANS VILLAGE: PINDAÍ – ÎLE DO MARANHÃO

## RÉSUMÉ

La motivation de ce travail de dissertation est venue de l'expérience que j'ai vécue dans le lieu Pindaí, comme une occasion de conserver la mémoire du lieu, d'y réfléchir et de suivre son évolution. Un processus systématique de matérialisation des informations pour les transformer en connaissances a permis d'enregistrer indicatif les souvenirs et les expériences vécues comme autant de fils conducteurs vers la perception de mon lieu de vie: Pindaí. Celui-ci est partagé entre deux municipalités, Paço do Lumiar et São José de Ribamar, toutes deux situées dans la meso-région nord du Maranhão et dans la micro-région de l'agglomération urbaine de São Luís, sur l'île du Maranhão; il s'agit donc d'un village limitrophe établi au bord de la MA - 201. C'est face aux changements survenus dans le village de Pindaí au cours des 20 dernières années, qu'est apparue la préoccupation qui a motivé cette étude: à partir de l'expérience des sujets vivant sur le lieu, comment parvenir à la perception environnementale qui se manifeste dans la géographie vécue? Comment les transformations socio-spatiales sont-elles perçues par les sujets? Dans ce contexte, l'objectif général suivant se dessine: interpréter la perception environnementale qu'ont les sujets du lieu du processus de transformation socio-environnementale. Et les objectifs spécifiques: relever les tracés géographiques, historiques, culturels et socio-environnementaux; caractériser la configuration du village de Pindaí sur la base de données géo-référencées et de données descriptives des sujets du lieu; et enfin, de réaliser un portfolio numérique avec des images du quotidien prises durant un processus de construction participative sur le lieu. Une approche phénoménologique a été utilisée pour décrire le lieu, pour ressentir et interpréter la perception des sujets du lieu, et ainsi atteindre les objectifs mentionnés ci-dessus, en se basant sur une recherche qualitative, une réflexion bibliographique et une recherche de terrain. Pour la confection des cartes, le logiciel Arcgis du laboratoire Geomap-Uema a été utilisé. Comme résultats obtenus à partir de ces dialogues et de ces réflexions, nous avons l'apport conceptuel théorique du lieu, les tracés géographiques, historiques, culturels et socio-environnementaux du Village de Pindaí, avec la délimitation et la localisation de la zone d'étude, l'ascendance indigène Gamela (qui en étaient les premiers habitants), l'observation du schéma de construction des maisons, dont la plupart étaient faites de boue et de paille, les revenus qui proviennent essentiellement de l'agriculture, de l'extraction de noix de coco babacu et de la pêche, et l'identification du patrimoine archéologique comme le Camboa de Pedra et les Sambaquis qui sont liés à cet héritage des peuples originels. Une carte de la religiosité a été dressée, un aspect culturel très diversifié dont les principaux sont les cultes de la matrice africaine avec la présence du Terreiro de Mina et de l'Umbanda, les Eglises Evangéliques, principalement néopentecôtistes, et l'Église Catholique. Il a été constaté que le processus d'urbanisation a intensifié les changements visualisés sur la carte comparative de l'utilisation des sols avec l'augmentation de la surface bâtie; d'autres changements dans le lieu sont perçus comme une modification des normes de logement et certaines implications environnementales (augmentation des déchets solides, élimination de la végétation et usure du fleuve Santo Antonio). On observe que la perception environnementale des sujets du lieu sur le processus de transformation socio-environnementale dans le village est très vivante, et qu'ils sont conscients des nouvelles formes de refermement sur soi, de la relation de voisinage et de la présence de violence et de drogues. Ainsi, les récits et les dessins des sujets du lieu ont permis l'interprétation de la perception environnementale et l'organisation du portfolio numérique, ce qui a permis d'améliorer la manière de penser le lieu et d'accroître la réflexion sur le lieu, et ainsi de consolider ce travail.

**Mots clés:** Phénoménologie. Lieu. Perception environnementale. Pindaí.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Atividade de Teatro do Oprimido, Pindaí .....	34
Figura 2	Via-Sacra, Pindaí.....	35
Figura 3	Projeto Crescendo Juntos .....	36
Figura 4	Mapa de Localização do Povoado Pindaí .....	42
Figura 5	Quintal da Serafina Mendes com conchas de sarnambi.....	44
Figura 6	Camboa de Pedra – Praia da Boa Viagem .....	45
Figura 7	Curral - Praia da Boa Viagem .....	45
Figura 8	Construção de Taipa e Telha brasilit/ Telha de barro .....	46
Figura 9	Terreiro de Umbanda .....	48
Figura 10	Imagens do Catolicismo – Sincretismo.....	49
Figura 11	Mosaico das Igrejas/templos .....	51
Figura 12	Mapa de Identificação das Manifestações Religiosas	52
Figura 13	Trecho do Rio Santo Antônio/ Rio Pindaí próximo Wang Park.....	53
Figura 14	Poço Artesiano que atende o Povoado Pindaí (BRK Ambiental).....	55
Figura 15	Unidade Básica de Saúde – Pindaí.....	56
Figura 16	Área de lazer dos moradores – Campo de Futebol do Sanorte .....	57
Figura 17	Destinação do resíduo, buraco e queima no quintal.....	58
Figura 18	Descarte de resíduo em Terreno Baldio .....	59
Figura 19	Prática de Queimada em Lixo em Terreno Baldio.....	60
Figura 20	Alteração – De lixo ao plantio (pelas mãos de Eliete) .....	60
Figura 21	Mapa de Comparativo do Uso da Terra .....	64
Figura 22	Posto de Combustível Oton Auto Posto.....	65
Figura 23	Entrada Principal do Wang Park na MA-201 .....	66
Figura 24	Entrada do Wang Park na Rua Santo Antônio – Acesso a Paço do Lumiar ....	67
Figura 25	Lucimere Bar.....	68
Figura 26	Mosaico dos Empreendimentos <b>A</b> .....	70
Figura 27	Mosaico dos Empreendimentos <b>B</b> .....	71
Figura 28	Mosaico das Permanências das ruralidades <b>C</b> .....	74
Figura 29	Mosaico das Permanências das ruralidades <b>D</b> .....	75
Figura 30	Seu Ambrozio .....	76
Figura 31	Seu Nonato.....	76

Figura 32	Dona Maria José.....	77
Figura 33	Seu Francisco das Chagas .....	78
Figura 34	Forno à carvão de dona Maria José.....	79
Figura 35	Percepção de Luciane materializada em desenho .....	84
Figura 36	Percepção de Suelma materializada em desenho .....	85
Figura 37	Percepção de Graceniide materializada em desenho .....	86

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Entrevistas dos Sujeitos Espaciais – Moradoras.....	21
Quadro 2	Entrevistas dos Sujeitos Espaciais – Cultura e Religiosidade.....	21
Quadro 3	Entrevistas das Permanências das Ruralidades.....	22
Quadro 4	Entrevistas dos Empreendedores.....	22
Quadro 5	Características das principais bacias da Ilha do Maranhão.....	40

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

ALUMAR	Consórcio de Alumínio do Maranhão
BRK	Brookfield
CAEMA	Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão
CE	Centro de Ensino
CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
CVRD	Companhia Vale do Rio Doce
COOPMOLÚ	Cooperativa de Mototaxistas de Paço do Lumiar
EPI's	Equipamentos de Proteção Individual
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
GEOMAP	Grupo de Pesquisa Geomorfologia e Mapeamento
GEDERS	Grupo de estudo em desenvolvimento regional e sustentabilidade
IMESC	Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OEC	Odebrecht Engenharia e Construção S. A
ONG's	Organizações não Governamentais
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
PROUNI	Programa Universidade para Todos
SEMA	Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Naturais
SESC	Serviço Social do Comércio
SRJ	São José de Ribamar
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	Unidade Básica de Saúde
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão

## SUMÁRIO

<b>I INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 CAMINHAR PELO LUGAR</b> .....	25
1.1 Colocar os pés no lugar.....	25
1.2 Desvelar o lugar da memória.....	29
1.3 Pisar no meu lugar.....	34
<b>2 OS TRAÇOS DO PINDAÍ</b> .....	38
2.1 Traços Geográficos - Históricos.....	38
2.2 Traços Culturais e Religiosos.....	46
2.3 Traços Socioambientais.....	53
<b>3 METAMORFOSE DO LUGAR</b> .....	62
3.1 Permanências das ruralidades no Lugar.....	72
<b>4 CENÁRIO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL</b> .....	81
4.1 Percepção dos Sujeitos Espaciais.....	84
4.2 Portfólio Digital.....	87
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	91
<b>APÊNDICES</b> .....	96
APÊNDICE A - ROTEIRO AOS SUJEITOS ESPACIAIS.....	97
APÊNDICE B - ROTEIRO CULTURAL.....	98
APÊNDICE C - ROTEIRO DA RELIGIOSIDADE.....	99
APÊNDICE D - ROTEIRO DAS PERMANÊNCIAS.....	100
APÊNDICE E - ROTEIRO DOS EMPREENDEDORES.....	101
APÊNDICE F – TCLE -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	102
APÊNDICE G - CAMINHOS DA PERCEPÇÃO DO MEU LUGAR.....	104

## I INTRODUÇÃO

A motivação acadêmica da escolha encetada reside em um catálogo de aspectos que perpassam o experienciamento social e pessoal em categorias como família, sistema de crenças, vizinhança, percepção e lugar. Escolher o povoado Pindaí como objeto de estudo para análise e interpretação da realidade, a priori, se nos apresentara como desafio urdido em simplicidade e tranquilo pela facilidade em interagir com os sujeitos espaciais com os quais convivo.

Contudo, navegar neste mundo fenomênico para além das intempéries que acometem os argonautas da pesquisa acadêmica, manifestaram-se em uma jornada desafiadora, amiúde exaustiva, como se entre Cila e Caribdis tivéssemos que optar para ao final do périplo alcançarmos o galardão, o toção de ouro da equação integralizada que por decerto consiste na pesquisa conclusa.

Discorrer acerca da relação com o lugar é fazer memória, percorrer veredas, grande sertão de elementos constitutivos do ser no mundo. A tessitura da relação com o lugar evidencia-se a partir do tear de desenvolvimento humano, social e afetivo que habita o arranjo familiar.

Na tecelagem de recordações, as lembranças do tratamento respeitoso dispensado aos adultos e anciões, em que a liturgia do cumprimento contemplava o pedido de benção. No convívio familiar, a irmã mais velha tinha a responsabilidade dos afazeres, mas também do cuidado com os mais novos, esse cuidado cria laços e observando/vivendo esse ambiente se apreende e absorve um modo peculiar de vida, estendido à vizinhança e ao povoado.

O lugar Pindaí, enquanto relação estabelecida, mas em construção, marcada pelas brincadeiras no quintal com encorajamento e medo de se machucar, do partilhar as experiências e a criatividade em confeccionar os próprios brinquedos, em saborear as frutas da época, tornam uma experiência única, emoldurada na nostalgia eivada de vivências afetivas.

A referência de labuta está personificada em nossa progenitora, mulher negra que entre o cultivo da lavoura e a atividade pesqueira formara uma prole numerosa, um outro exemplo reside em minha genitora que em meio a adversidades nunca perdera a ternura e o carinho na experiência maternal.

Mulheres negras que a despeito das dificuldades edificaram uma família com denodo e zelo, mesmo não tendo acesso à educação formal, mesmo invisibilizadas em um Estado que silencia subjetividades e jornadas vivenciais, semearam com a pujança do

exemplo, os grãos de luz que ora germinam em pesquisa, acadêmica, mas entretecida com as embiras e os gravetos de um chão, com o sangue, suor e lágrimas de uma vida costurada no dorso de obstáculos.

À minha genitora não foram facultadas oportunidades de acesso à escola, mas matriculada no educandário de leitura do mundo sobre o qual Paulo Freire discorrera, encaminhara as duas filhas a trilharem as sendas por vezes tortuosas do estudo formal.

A proposta para estudar o povoado perpassa a curiosidade inicial, interpelada pela percepção dos sujeitos espaciais e também numa teimosia de materializar para a academia e para o próprio lugar uma análise interpretativa das transformações, permanências, vivências e potencialidades existentes no lugar.

A partir da vivência que tenho em trinta e seis anos residindo em Pindaí, a relação com a natureza e vizinhança alerta a atenção na perspectiva da comparação do presente e outrora, olhar o rio, o mar e a vegetação no sentido de contemplar e como meio de retirar o sustento é fortemente de outrora, a troca exemplificada na partilha com quem não tinha, do peixe e farinha, também. A mudança, enquanto, processo intrínseco ao ser humano se dá na escuta, olhar, ler, viver e conviver visível no sujeito e no lugar, estas alterações trazem novas marcas e outras embutidas que precisam de um esforço para traços em equilíbrio ambiental.

Assim, apresenta-se alguns traços do povoado Pindaí para representá-lo, enquanto, objeto de estudo desta pesquisa. O mesmo, está inserido no limite entre dois municípios, Paço do Lumiar e São José de Ribamar; ambos integrantes da mesorregião norte maranhense e na microrregião da Aglomeração urbana de São Luís (MARANHÃO, 1998), Ilha do Maranhão<sup>1</sup>. Trata-se, portanto, de um povoado limítrofe estabelecido à margem da MA-201, no sentido São Luís a São José de Ribamar os moradores do lado direito são ribamarenses e os do lado esquerdo luminenses.

Para tanto, delimitou-se o lapso temporal de 20 anos em que é possível sinalizar algumas transformações pessoais e socioambientais diante da visão de mundo de cada um, ao crescente aumento populacional, ao processo de urbanização, tecendo a percepção das permanências e metamorfoses na pessoa e no lugar que se vive.

---

<sup>1</sup> Ilha do Maranhão - utiliza-se esta terminologia considerando a relevância dos aspectos geográficos baseado em Ferreira (2014, p. 21).

<sup>1</sup> É constituída pelos municípios de São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa. Esta ilha encontra-se situada na Região Costeira do Estado do Maranhão e limita-se ao norte com o Oceano Atlântico; ao sul, com a baía de São José e o Estreito dos Mosquitos; a leste com a baía de São José e a oeste com a baía de São Marcos, nas coordenadas 02°22'23" e 02°51'00" Lat. Sul; 44°26'41" e 43°59'41" de Long. Oeste na feição geológico geomorfológica do Golfão Maranhense, sendo esta uma articulação regional da costa brasileira caracterizada por ser um grande e complexo sistema estuarino, destacando-se as baías de São Marcos e São José. (IMESC, 2011, p.7).

Ressalta-se assim, o intenso processo de urbanização em São Luís e como contiguidade estendida aos demais municípios circunvizinhos da Ilha do Maranhão com a presença do capital imobiliário, devido à proximidade. Conforme, IMESC (2011), constitui-se entre outros aspectos como um reflexo das pressões dos grandes projetos industriais instalados na Ilha do Maranhão, a exemplo da ALUMAR e CVRD, partes integrantes do Programa Grande Carajás, que motivaram a migração de pessoas que visavam trabalhar nestas indústrias e em suas empreiteiras, conseqüentemente, houve crescimento populacional em São Luís, e por conseguinte, “esse crescimento populacional estendeu-se aos municípios de Paço do Lumiar em 380%, e de São José de Ribamar em 160%” (IMESC, 2011, p. 32).

O município de Paço do Lumiar possui uma área territorial de 126,803 km<sup>2</sup> e uma população segundo o último censo demográfico (2010) de 105.121 habitantes, IBGE (2020), e delimita-se ao Norte pelo oceano Atlântico; Oeste pelo município de São José de Ribamar; ao Sul pelo município de São José de Ribamar; e a Leste pelo município de São José de Ribamar (MARANHÃO, 1998).

O município de São José de Ribamar por sua vez, possui uma área territorial de 180,233km<sup>2</sup> e uma população de 163.045 habitantes segundo o último censo demográfico (2010) IBGE (2020). E delimita-se ao Norte pelo oceano Atlântico e município de Paço do Lumiar; ao Leste pelo município de Paço do Lumiar e Icatu; ao Sul pelo município de Rosário e Axixá; e a Oeste pelo município de São Luís (MARANHÃO, 1998).

Há uma proximidade muito forte em relação à capital maranhense (São Luís), “Paço do Lumiar dista 22,42 (km) e São José de Ribamar 27,4 (km), uma distância em linha reta dos respectivos municípios à capital” (IMESC, 2010, p. 20), assim, em face desta proximidade, os municípios da Ilha como continuidade da capital perpassam pelo processo de crescimento demográfico e de urbanização, como verificado nos dados do IMESC, esta expansão estende-se aos demais municípios da Ilha, constituindo características definidas de urbanização que permeiam o lugar.

Pindaí vivencia transformações de urbanização decorrentes da expansão imobiliária, pela inserção e presença de empresas em um processo transformação socioambiental do lugar.

Define-se empreendimento<sup>2</sup> a partir da atividade lucrativa individual e/ou coletiva e cita-se alguns dos empreendimentos e comércios<sup>3</sup> que estão instalados no Povoado, nota-se

---

<sup>2</sup> O indivíduo empreendedor tem uma estrutura motivacional diferenciada pela presença marcante de uma necessidade específica: a de realização. A necessidade de realização impele o indivíduo a buscar objetivos que envolvem atividades desafiantes, com uma acentuada preocupação em fazer bem e melhor, que não são

movimentação de capital com a geração de trabalho e renda, e também prejuízos ambientais sentidos no lugar, gerando assim algumas inquietações que motivaram a realização deste estudo: A partir das percepções ambientais alcançadas, como o lugar, na espessura das experiências dos agentes espaciais averiguados, desponta como geografia vivida?

Enquanto, pesquisadora e moradora do lugar, houve necessidade de traçar o caminho do distanciamento necessário ao método no registro das entrevistas dos demais sujeitos espaciais, essenciais à composição da pesquisa sobre a percepção ambiental, como também no viés fenomenológico trazer a minha experiência vivenciada.

Diante deste contexto apresenta-se como objetivo geral: Interpretar a Percepção Ambiental dos sujeitos espaciais sobre o processo de metamorfose socioambiental. Os objetivos específicos: Levantar os traços geográficos e históricos, culturais e religiosos, e socioambientais; caracterizar a configuração do povoado Pindaí com base em dados georreferenciados e dados descritivos dos sujeitos espaciais e por fim, organizar um portfólio digital com imagens do cotidiano inserido em um processo de construção participativa no lugar.

Utilizou-se a abordagem fenomenológica para descrever o lugar, sentir e interpretar a percepção dos sujeitos espaciais e assim alcançar os objetivos salientados. Assim sendo, tem-se um procedimento adequado para a descrição do mundo cotidiano da experiência humana com um aporte que permite análises variadas sobre o tema (HOLZER, 2010), ademais, segundo Marandola Jr. (2013, p. 11) “a fenomenologia se afirma, ao lado do pensamento social e filosófico contemporâneo, como uma possibilidade para compreensão da experiência no mundo atual, suas angústias, crises e transformações”.

Para ajudar a compor a metodologia da pesquisa, embasou-se em Cássio Hissa que nos ensina que a metodologia “é um processo histórico e criativo que se vai fazendo, ela poderá ser compreendida, assim, como a memória da pesquisa. Ela é memória-ideia de como fazer”. (HISSA, 2012, p.119).

---

determinados apenas pelas possíveis recompensas em prestígio e dinheiro. O empreendedor tem alto nível de compromisso com o trabalho que desenvolve. Faz sacrifícios pessoais ou esforços extraordinários para completar tarefa, e cumprir compromissos assumidos. Aceita a responsabilidade por suas falhas e responsabiliza-se pelo fracasso de sua equipe. Acima de tudo, o empreendedor compromete-se consigo mesmo e acredita fielmente naquilo que faz. (SEBRAE, 2005, 9-10)

<sup>3</sup> Cita-se os principais empreendimentos e comércios do Pindaí: Wang Park, Tracoá, Posto de Combustível Oton Auto Posto e Conveniência (Restaurante e Galeteria Picanhas, Frigo Marques, Farmácia Shalom), Nutriavis, Padaria Santa Luzia do Pindaí, Pontos Comerciais de oficinas, Lucimere Bar, Bar e Depósito Arena FikFik, Bar e Depósito Alcanzica, Restaurante Velha Guarda e Salão Realce, Material de Construção Marsol, Galeteria Sampaio, Venda de Crédito de Dazinha, Comércio de Déia, Mercearia e Bar de Kátia, Mercadinho e Padaria Labech, Moto taxistas da Boa Viagem, de Paço do Lumiar (Coopmolú) e Pindaí e Pousada Hedonia.

Apoiada por outros autores que ajudam a pensar e fazer o percurso, dessa maneira Minayo (1994, p. 16) menciona esse processo, enquanto, “caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade”.

Enveredando os passos, fez-se uso da pesquisa qualitativa que

[...] responde a questões muito particulares, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Segundo Chizzotti (1995, p. 52), “fundamenta-se em dados coligidos nas interpretações interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que estes dão aos seus atos. O pesquisador participa, compreende e interpreta”. Ressalta-se para esta pesquisa qualitativa sem desacreditar ou menosprezar os dados quantitativos, visto ambos representarem a integralidade da vida.

A reflexão bibliográfica “esse conhecimento anterior, construído por outros estudiosos e que lançam luz sobre a questão de nossa pesquisa” (MINAYO, 1994, p.16), como aporte teórico foi realizado em livros, artigos, dissertações, teses e em outros meios disponíveis que discutem esta temática.

Como, o diálogo mais adiantado com obras e autores se desenvolve ao longo da pesquisa e faz parte do processo de amadurecimento de ideias que podem nos levar à construção de melhores argumentos e a bibliografia é algo particular, tal como a pesquisa ou interpretação do mundo, mas, também, algo exposto ao contexto histórico, social e coletivo. (HISSA, 2012, p. 100-107).

Endosso esse particular a partir do conjunto, da generosidade em compartilhar obras e autores que se dedicam à pesquisa e arte de traçar registro de seu olhar geográfico à sociedade.

Também, fez-se pertinente a pesquisa de campo “como o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação” (MINAYO, 1994, p.53). E ainda, conforme Cássio Hissa (2012) trata-se de uma visita intencional ao mundo - a certo recorte de mundo - para que, em determinadas pesquisas, informações possam ser recolhidas e organizadas.

Os roteiros de entrevistas foram elaborados na expectativa de compreender e possibilitar a interpretação da percepção ambiental dos sujeitos espaciais do Pindaí, sendo elaborados quatro roteiros que podem ser observados nos apêndices (A, B, C, D, E), para as

moradoras (16 entrevistas), outro voltado para a questão cultural (05 entrevistas), um para os aspectos das permanências das ruralidades (04 entrevistas) e por último aos empreendedores (03 entrevistas). Foi priorizado o público-alvo baseado no gênero, para escutar/perceber o ponto de vista das mulheres adultas do Povoado Pindaí.

Se envereda neste caminho, por ser mulher e acreditar no empoderamento, diálogo e sensibilidade feminina capazes de organizar e protagonizar mudanças coletivas significativas para o bem comum. Não se trata de negar a participação masculina no processo, mas de valorizar o lugar de fala das mulheres.

Para a confecção cartográfica, utilizou-se um software de GIS, o *ArcGIS for Desktop Advanced*, produzido pela *Environmental Systems Research Institute (ESRI)*, na versão 10.2, licença EFL999703439 do Grupo de Pesquisa de Geomorfologia e Mapeamento (Geomap). O ArcGIS Desktop é constituído por três módulos principais: ArcMap, Arcglobe e Arcscene.

Para os procedimentos cartográficos utilizou-se o módulo Arcmap. Neste módulo foi possível realizar as tarefas requisitadas pela pesquisa, possibilitando-se a sobreposição de planos de informações vetoriais e matriciais e objetos gráficos, fontes e figuras, necessários e importantes no mapeamento temático permitindo também realizar análises espaciais, criação e edição de dados espaciais.

Organizou-se o portfólio digital da seguinte maneira: Utilizou-se as artes de abertura dos capítulos da dissertação, uma linguagem poética para dialogar com as fotos, mapas e demais dados da pesquisa. Para evidenciar de forma pontuada o processo construtivo da investigação que complementa e compila esse material que irá compor e ser utilizado para apresentações comunitárias como uma forma de divulgação do processo desenvolvido e faz parte do trabalho em apêndice G.

Em relação à faixa etária, priorizou-se moradoras acima dos vinte anos de idade, pois, trazem uma representatividade de vida perante as transformações socioambientais que estão em análise neste trabalho (Quadro 1). Quanto aos sujeitos espaciais da cultura, das permanências e empreendedores, a representatividade foi o critério estabelecido (Quadros 2, 3 e 4).

**Quadro 1-** Entrevistas dos Sujeitos Espaciais - Moradoras

<b>ENTREVISTA (MORADOR)</b>	<b>IDADE</b>	<b>DATA</b>	<b>DATA</b>
Aurélia Silva	47 anos	28/02/2020	
Arlete da Silva	47 anos	28/12/2019	29/01/2021
Eliana Fernanda Dias da Silva	40 anos	01/03/2020	
Eliete Borges de Souza	56 anos	25/07/2020	
Dayane Morais Mariano	32 anos	28/02/2020	
Genú Costa e Silva	53 anos	24/07/2020	28/01/2021
Graceni de Pereira da Cruz	44 anos	28/12/2019	
Ilziane Correia Luz	36 anos	28/12/2019	28/01/2021
Lélia Medeiros Souza	63 anos	28/12/2019	
Louridane Brito da Cruz	52 anos	25/07/2020	30/01/2021
Luciana Medeiros	33 anos	28/12/2019	
Luciane Ferreira Silva	44 anos	25/02/2020	27/01/2021
Luzanira de Sousa Mariano	55 anos	28/02/2020	
Maria Cecília Dias da Silva	38 anos	27/02/2020	27/01/2021
Serafina Mendes Lopes	80 anos	08/09/2020	06/02/2021
Suelma Cristina Mariano Farias	26 anos	28/02/2020	

Fonte: Lopes (2020)

**Quadro 2-** Entrevistas dos Sujeitos Espaciais – Cultura e Religiosidade

<b>ENTREVISTAS</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>DATA</b>
Adriana Gomes Rosa	Mina	29/02/2020
Albert Luis Louzeiro Lobão Júnior	Dança Portuguesa Magia e Sedução de Lisboa	22/09/2020
Franciomar Ferreira Pinheiro	Igreja Assembleia de Deus	02/08/2020
Maria do Carmo Moraes	Mina	25/02/2020
Onésima Alves Brito	Umbanda	25/02/2020
Venilson Alves Brito	Umbanda	25/02/2020

Fonte: Lopes (2020)

**Quadro 3-** Entrevistas das Permanências das Ruralidades

<b>ENTREVISTAS (Sujeito Espacial)</b>	<b>IDADE</b>	<b>DATA</b>
Ambrozio Bispo da Costa	86 anos	22/07/2020
Francisco das Chagas Costa Carvalho	77 anos	25/07/2020
Maria José Alves Feitosa	69 anos	22/07/2020
Raimundo Nonato Souza Mâcedo	67 anos	25/07/2020

Fonte: Lopes (2020)

**Quadro 04:** Entrevistas dos Empreendedores

<b>ENTREVISTAS (Sujeito Espacial)</b>	<b>IDADE</b>	<b>DATA</b>
José Bráulio Castelo Branco Soares Júnior	46 anos	22/07/2020
Lucimere Ferreira Cabral	50 anos	08/09/2020
Wang Chao Jen	56 anos	25/07/2020

Fonte: Lopes (2020)

Assim, conforme proposto para o presente estudo, as primeiras entrevistas com gravação de áudio foram realizadas neste molde, não houve café, mas, longas conversas além da pesquisa sobre a vida. Houve necessidade de uma nova etapa para contemplar a experiência e a memória, seguindo o protocolo sanitário com uso de máscara, álcool em gel e a conversa por via telefone e WhatsApp para registro dessa etapa, algumas preferiram retorno via áudio. Seguido da transcrição do áudio para trazer os trechos representativos da narrativa, utilizou-se o TCLE (apêndice F) em que todas as falas foram autorizadas.

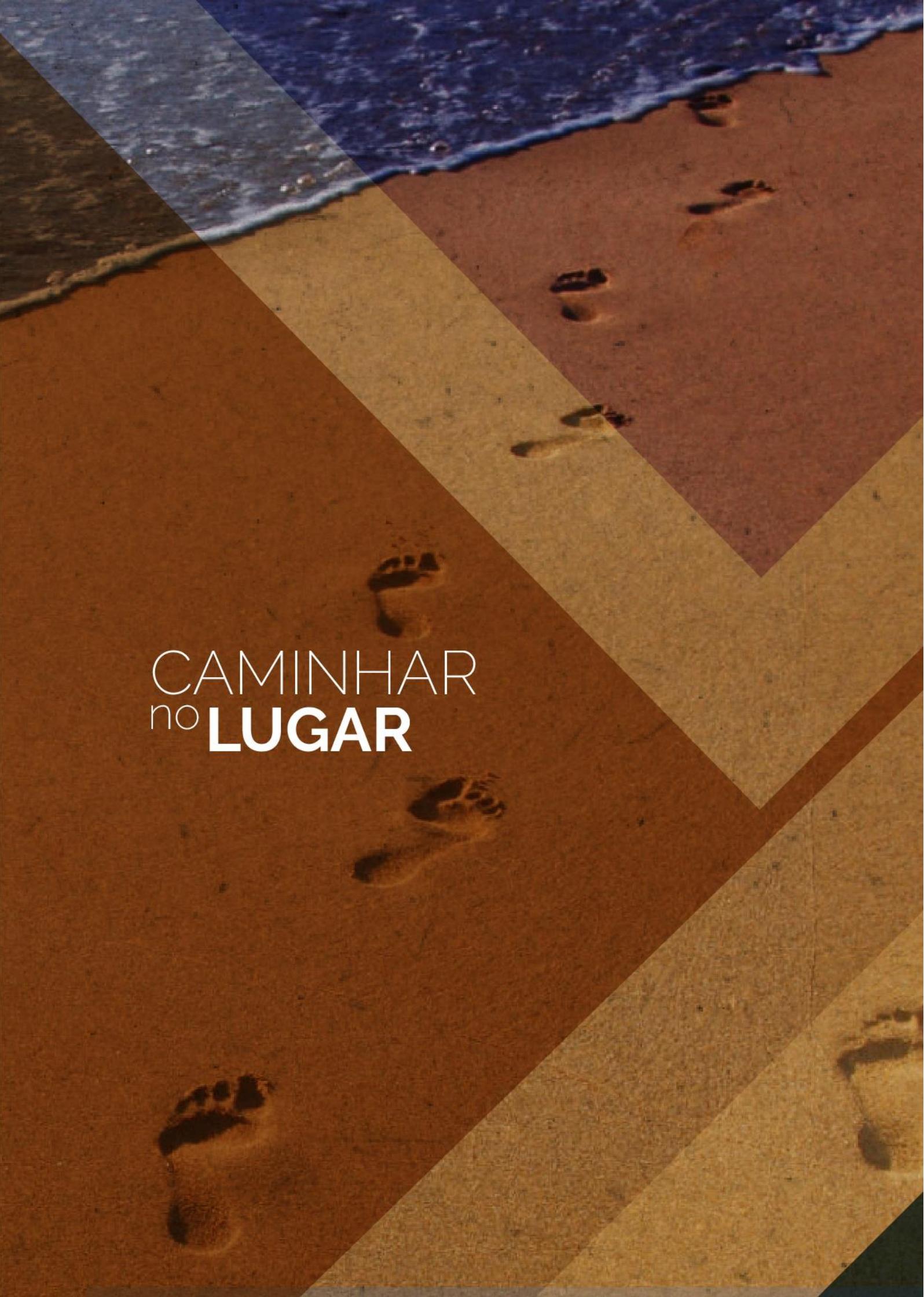
O caminho traçado e percorrido permitiu a formatação do presente estudo em quatro capítulos materializados da seguinte maneira: Inicialmente, apresentação do trabalho com a introdução acoplados, da justificativa, problemática, dos objetivos que norteiam o trabalho, o método, as etapas realizadas nos procedimentos metodológicos e os quadros dos entrevistados.

O Capítulo I traz o caminhar pelo lugar enquanto prefácio dos demais tópicos que são – Colocar os pés no lugar, este é um apanhado teórico conceitual acerca do lugar acumulado na graduação e disciplinas do mestrado; seguindo, tem-se de desvelar o lugar da memória enquanto registro da infância e memória dos sujeitos espaciais; pisar em meu lugar consiste em um esforço mais pessoal, da vivência, experiência e descrição a partir da minha percepção no/do lugar Pindaí.

Prosseguindo, tem-se o Capítulo II, intitulado Traços do Pindaí, dividido em: Geográficos e Históricos, esses traços contam a geograficidade e historicidade do povoado com dados do IMESC, do IBGE, da percepção dos sujeitos espaciais, da origem do povoado, do significado do nome e da presença dos sambaquis. Os aspectos culturais e religiosos são um registro de matrizes presentes no povoado, com marcas da ancestralidade de matriz africana presentes nos terreiros, além das igrejas cristãs que também possuem atuação no povoado. Já, os traços socioambientais são o registro das questões sociais e ambientais do povoado, realizado mediante levantamento com os sujeitos espaciais, esse levantamento dos traços possibilita conhecer o lugar.

No Capítulo III evidenciou-se a Metamorfose do lugar com o mapa comparativo do uso da terra, complementado com as permanências das ruralidades enquanto registro da existência e potencialidade deste traço.

Chega-se ao cenário da Percepção Ambiental no Capítulo IV, com a possibilidade de interpretar as narrativas complementadas por desenhos dos sujeitos espaciais, a partir da sua experiência e olhar. A percepção ambiental dos sujeitos espaciais através de narrativas e desenhos, possibilitaram nesta pesquisa uma proposta de interpretação da percepção ambiental no povoado Pindaí, assim neste último tópico, apresentamos um portfólio digital com os mapas produzidos e imagens do cotidiano, inserido em um processo de construção participativa no lugar, por fim, apresentam-se as considerações finais que sintetizam esta dissertação.

An aerial photograph of a sandy beach with several footprints. The image is overlaid with large, semi-transparent geometric shapes in shades of blue, yellow, and brown. The text 'CAMINHAR no LUGAR' is centered on the left side of the image.

CAMINHAR  
no **LUGAR**

## **1 CAMINHAR PELO LUGAR**

Caminhar pelo lugar é uma possibilidade de percorrer os traços conceituais do lugar por estudiosos da geografia humanista, a partir da intencionalidade de apreender pelo viés cultural da relação do ser-estar-no-mundo pela experiência vivida, enquanto sujeito que revela o fortalecimento da existência no caminhar.

Entende-se, que o caminhar retrocitado está entrelaçado à experiência, posto que, ao se colocar os pés no lugar com aportes que justifiquem e demonstrem a importância intrínseca à ciência geográfica – e também as demais ciências como a filosofia, psicologia, sociologia entre outras – percebe-se a confluência entre o experienciado no mundo fenomênico e os conhecimentos que permitem a análise.

A confluência retrocitada entre saberes acadêmicos e vivências experienciadas explicam a dimensão da identidade do sujeito com o lugar no decorrer da existência temporal e que traz o desvelamento do lugar da memória, este entrelaçamento de um confluir de elementos do caminhar humano é vislumbrado ao se pisar no lugar, pois, cada um de ser no mundo possui um lugar onde dentro de uma temporalidade transcorrem os périplos do existir.

### **1.1 Colocar os pés no lugar**

Colocar os pés no lugar está permeado pelas aulas, leituras, debates na graduação, ampliado nesse processo acadêmico na pós, através das disciplinas, das palestras, do encontro, da vivência do cotidiano, do amadurecimento com a qualificação, da orientação ao nortear o pensar e refletir a geografia com os pés no lugar.

Para este caminhar traz-se o arcabouço já teorizado, a partir da leitura de Corrêa (2000) que contextualiza a geografia enquanto disciplina institucionalizada adentrando às universidades europeias, já na década de 50 calcada no positivismo lógico tem-se a Geografia Tradicional baseada na revolução teórica-quantitativa.

Na década de 70, surge a Geografia Crítica concebida em bases epistemológicas advindas do materialismo histórico – dialético. Pode-se, neste diapasão evocar a Geografia Humanista, com raízes epistêmicas nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo e que consoante Corrêa:

Está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação tem na compreensão a base de inteligibilidade do

mundo real. E o lugar passa a ser o conceito-chave mais relevante. (CORRÊA, 2000, p. 30)

O lugar na geografia, desde os primórdios da vertente humanista em apreço, foi sempre a essência propriamente dita da ciência geográfica (OLIVEIRA, 2014, p. 15). Ainda nesse pensar, Mello (2014, p.65), os geógrafos humanistas trabalham o conceito lugar a partir do sentimento e do entendimento, apontando a sua multidimensão e as diversas vias para sua compreensão. Neste entendimento da valorização do lugar, adentra-se o conceito, a partir do ensaio de Werther Holzer (2014, p. 282):

“Lugar” referenciado ao aporte fenomenológico como apropriado pelos geógrafos humanistas, ou seja, o “lugar” que trata da experiência intersubjetiva de espaço (mundo) em seus fundamentos, quais sejam, distâncias e direções a serem vencidas fisicamente ou na imaginação, sobre um determinado suporte que podemos chamar de “espaço geográfico”, constituindo-se a partir das vivências cotidianas como um centro de significados, onde experimentamos intensamente o que pode ser denominado de geograficidade”.

Em que emprega o aporte fenomenológico na leitura da essência do ser e constitui o lugar a partir da vivência do dia-a-dia, da experiência do ser-estar-no-mundo, imanado na colocação de Marandola Jr. (2014, p. 229-230), o lugar se refere à mundanidade de nosso cotidiano, e por isso ele é fundamental quando pensamos o ser-no-mundo e a existência, confirmando o lugar enquanto essência da experiência e da existência.

A geografia como estuda também o lugar, sedimenta sua abordagem (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo, lugar implica continuidade (OLIVEIRA, 2014).

Seguindo este pensar Relph (2014, p. 20), uma vez que lugar é o fenômeno da experiência, era apropriado que ele fosse explicado por meio de uma rigorosa abordagem fenomenológica que havia sido desenvolvida por Husserl e Heidegger. Uma abordagem que fundamenta os estudos de Yi-Fu Tuan, David Seamon, Anne Buttimer, Edward Relph, dentre outros.

Acrescente-se ao rol supramencionado, estudiosos que alicerçam a reflexão da geografia a partir do lugar, os nomes de Ana Rosa Marques, João Baptista Ferreira de Mello, Lívia de Oliveira, Zeny Rosendahl e Werther Holzer. Nesse processo com suas obras e intervenções na orientação da qualificação para melhorar o presente trabalho evoco o contributo do professor José Eduardo Marandola Júnior, bem como o professor José Arilson Xavier de Souza, que de forma significativa ajudaram a ampliar o horizonte da pesquisa.

Nesta perspectiva, Tuan, (1930, tradução 2013, p. 17), traz a relevância da concepção da experiência como “um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio

das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”. A partir da experiência dos anos vividos e sua inteligibilidade, que o indivíduo visualiza o mundo exterior, concebe internamente, toma decisão e age. “Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização”. (TUAN, 2013, p. 17)

O mesmo autor, aborda a Geografia Humanista como a “interpretação da experiência humana em sua ambiguidade, ambivalência e complexidade”, e assim pretende-se “esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar” (TUAN, 1985, p. 162).

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, 1979, p. 387).

Cabe ainda conceber que o lugar embora não habitado, mas percebido, experienciado pelos sentidos e sentimentos permite-nos significá-lo como lugar. A professora Lívia de Oliveira contribui nesse sentido com a concepção de lugar:

A concepção atual de lugar é de tempo em espaço; ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria. A partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações. É o lugar experienciado como aconchego que levamos dentro de nós. Ou o lugar consciente do tempo social histórico, recorrente e mutável, no transcorrer das horas do tempo em um espaço sentido dentro de um lugar interior ou exterior. (OLIVEIRA, 2014, p. 5-16).

Esse “lugar faz parte de nosso cotidiano e como é a partir dele que nos inserimos no mundo”, é também nele que “nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo” Marandola Jr. (2014, p. 228). Em uma relação dialógica com a subjetividade e coletividade, com o interior e exterior, com o particular e universal, é no lugar onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo, sendo núcleo de significado que se estende, em suas ligações entrelaçado enquanto ser, com a nossa própria existência. “É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco”. (RELPH, 2014, p. 31).

Nesse sentido “é igualmente importante compreender que é por meio de lugares que indivíduos e sociedades se relacionam com o mundo, e que essa relação tem potencial para ser ao mesmo tempo profundamente responsável e transformadora” (RELPH, 2014, p.

27). Trata-se de um signo constante de reconciliação sociofísica não apenas de razões, mas também de emoções. (OLIVEIRA, 2014).

Conforme salienta Mello (2014, p. 39) a cama, a casa, a rua e o bairro são lugares eleitos e demarcados a partir de nossas experiências diretas”. E ainda se configura como “símbolos referenciais, significados e permanência contribuem para forjar o sentido de lugar”.

A relação de apego, de sentir-se bem e criar laços afetivos com o lugar identificado por “Topofilia” é uma terminologia trazida por Gaston Bachelard (1989) e também empregada por Yi-Fu Tuan (1980) “é o elo afetivo entre a pessoa com o lugar ou ambiente físico, vivido e concreto como experiência pessoal, de pertencimento” pode-se denominar amor ao lugar que segundo o mesmo autor, “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos” ou ainda aquilo que começou como um espaço indiferenciado termina como um único objeto-situação ou lugar (YI-FU TUAN, 1930 tradução 2013, p.47).

O sentimento supramencionado quando se intensifica, revela outras dimensões da subjetividade como pertencimento e afetividade e paradoxalmente pode gestar aspectos opostos, a saber: estranhamento, rejeição, ausência de valor, apego e afetividade.

Esta dimensão antagônica da seara dos sentimentos, pode ser compreendido por “Topofobia” e encerra em sua manifestação uma aversão ao lugar, neste direcionamento conceituado por Relph (1976 p. 107) como "deslugar", no convívio, as paisagens artificiais, interpretadas como feias, transformam-se em belas e agradáveis, ou seja, lugares.

Na complexidade e diversidade do ser, diante das emoções, situações, vazio de significar e ressignificar a vida, o lugar é um mundo de significados organizados, a um tempo estático e a outro dinâmico; são caminhos que se tornam lugares significativos, outrossim, onde vivemos, nossa residência, nosso bairro inteiro, se tornam um lugar para nós, não importa se é um local natural ou construído, o homem se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo. (OLIVEIRA, 2014, p. 11- 12). Assim sendo, o Pindaí, se torna lugar para mim, devido ao nascimento, família, vizinhança, da constituição enquanto ser-estar-no-mundo.

Ao tecer esse subtópico de colocar os pés no lugar nota-se claramente a relevância do lugar enquanto categoria da Ciência Geográfica, através do aporte intelectual trazido pela corrente humanista ao compreender e dar importância às relações afetivas e dos sujeitos com o lugar e mais profundamente do ser-estar-no-mundo.

Por ser no lugar onde a vida acontece em todas as suas dimensões, aproveitou-se para clarificar o entendimento e aprofundar a abordagem fenomenológica do lugar e assim,

seguir em desvelar o lugar da memória dos sujeitos espaciais (algumas) do povoado Pindaí que são objeto de estudo desta pesquisa, diante da relação e experiência com o mesmo.

## 1.2 Desvelar o lugar da memória

O processo de desvelamento do lugar da memória apresenta as memórias afetivas de algumas moradoras que revelam o seu lugar vivido e percebido, raízes constituídas ao longo do tempo e que mostram sua identidade com o lugar. Esta expressão da memória que é vivida ao longo do tempo é destacada por Marandola Jr. (2014 p. 229) “O tempo é vivido como memória, e por isso memória e identidade adensam o lugar. A memória é a experiência vivida que o significa.

Na memória dessas moradoras podemos perceber traços que demonstram sua afetividade com o lugar em que construíram suas vidas, em que escreveram páginas de suas trajetórias na linha da vida cotidiana e que representam suas histórias vividas.

Ao recordar das experiências vividas, possibilita “a recomposição criativa da casa da infância e a memória compartilhada na recuperação dos lugares de outrora, arrasados por diversos motivos constituem as sentinelas luminosas das páginas seguintes, para a compreensão dos lugares eternizados na memória”. (MELLO, 2014, p. 58-59).

É um exercício recordar a infância e neste sentido se traz alguns trechos de entrevistas compartilhados com a pesquisa:

Louridane, “nascida e criada no Pindaí” relatou sobre as brincadeiras em meio à natureza do lugar, enfatizando que:

Da minha infância lembro muito do meu tempo de brincar, pois tive oportunidade de usar os brinquedos naturais, digo produzido no momento que iniciava as brincadeiras de casinhas, eu produzia as minhas próprias bonecas feito da bananeira com o cabelo de milho, boneca de pano usada das meias velhas, as brincadeiras de queimado com bolas também feito de meias, que era nossas diversões daquela época, pois não tínhamos celulares, e por muito tempo da minha infância nem televisão tinha na minha casa. (LOURIDANE CRUZ, 2021)

E ainda em suas memórias traz a relação do seu cotidiano com o rio, a praia, e a relação comunitária, própria do modo de vida tradicional, muito claro em sua fala:

Assistia algumas vezes o sitio do pica pau amarelo né uma casa que tinha próximo daqui, então curtia muito o banho de rio porque nesse tempo podia, assim como ir a praia da boa viagem com meus familiares e isso era deambulando (a pé), porque todo mundo se conhecia e se tornava tradição aqui na nossa comunidade, outro momento que não esqueço é que por motivo do nosso bairro não ter escola eu assim como as crianças da época se deslocávamos para outros bairros para estudar, e isso era também em coletividade todos os dias ida e volta, e isso era com uma alegria

que a caminhada se tornava perto e nem sentíamos a viagem, por este motivo de tanta curtidão recorde sim com muita facilidade. (LOURIDANE CRUZ, 2021)

Ilziane, também “nascida e criada no Pindaí” ao desvelar sua ligação com o lugar enfatiza com positividade:

Minha infância foi muito tranquila. Moro no Pindaí, desde que nasci, por isso toda a minha vida se relaciona a este lugar. (ILZIANE LUZ, 2021)

Arlete igualmente “nascida e criada no Pindaí” narra o cotidiano intimamente ligado ao rio com brincadeiras de criança e outras atividades:

A minha infância foi no rio do Pindaí brincando, banhando. As lembranças são das pessoas lavando roupa, enchendo vasilhas pra consumo. (ARLETE DA SILVA, 2021)

Genú repetidamente “nascida e criada no Pindaí” ao compartilhar conosco suas memórias, recorda das brincadeiras de casinha e da valorização das plantas em destaque ao cajueiro com quem tinha laço afetivo:

A minha infância foi muito boa, muito feliz, viu, tínhamos brincadeiras, brincadeiras inocentes sem maldades, muito tranquila, muito boa a minha infância. Olha eu amava brincar no quintal, nossa... fazia as casinhas de boneca era muito bom, a gente tinha um pedaço assim de mato, mas pra lá da casa e aí a gente bem na beiradinha do mato a gente montava uma casinha e brincava de boneca e era tão bom, mas muito bom. Bom as plantas também eu tinha um cajueiro que eu gostava muito, aí sabe toda tarde eu ía pra lá, eu sentava no galho, eu conversava com ele, sabe era meu pé de cajueiro. As plantas sempre muito importante, muito bom. (GENÚ SILVA, 2021)

Maria Cecília comprovadamente “nascida e criada no Pindaí” com energia de uma criança demonstra em sua narrativa várias brincadeiras e enfatiza o sentimento de liberdade e a interação com a natureza:

Minha infância foi ótima porque naquele tempo a gente tinha mais liberdade, pra gente brincar do que quisesse, não tinha medo de sair para outros lugares. A gente tinha mais liberdade as brincadeiras eram melhores, celular nem pensar, lógico. A gente brincava de pegador, ixé eu adorava, eta quantos shorts rasguei ao subir em árvores. Ah! No rio, lembro, era ótimo, lembrança que não volta mais. (MARIA CECÍLIA DA SILVA, 2021)

Essas memórias emergem também por alguns registros de traços marcantes nas suas trajetórias de vida:

Louridane, ao compartilhar o sentimento de perda e saudade, revela em sua trajetória de família uma marca sensível com a partida de seus familiares:

A perda do meu irmão de acidente de carro aos 6 anos de idade em 1988, e a perda do meu pai com infarto fulminante em 2015. (LOURIDANE CRUZ, 2021)

Arlete numa ligação bonita com sua mãe, faz memória de uma atividade que as duas realizaram para construção da sua casa, moradia construída com ajuda de suas mãos.

A lembrança mais marcante foi quando eu ajudei a minha mãe a fazer a nossa primeira casa, tirando as varas pra envarar. (ARLETE DA SILVA, 2021)

Genú, relembra a ausência do pai e registra a importância forte da mãe dona Zuleide que desempenhara os dois papéis com afinco ao criar os três filhos.

Um dos traços que mais marcou né a minha infância é exatamente a ausência do meu pai né. Eu sempre tive muito forte a presença da minha mãe e ela fez os dois papéis né de pai e mãe, muito guerreira. Meu pai muito ausente vinha muito pouco aqui e as vezes me parecia um estranho tá e não alguém que fazia parte realmente da minha família, então esse traço me marcou muito a ausência do meu pai na minha infância, me marcou muito. (GENÚ SILVA, 2021)

Ilziane, registra como marco na vida a formação acadêmica e de ser agraciada em trabalhar na profissão de sua escolha, compartilha com tristeza as perdas de entes que ama e que foram balizadoras para seu caráter.

Traços marcantes positivamente foram a minha formação acadêmica e a conquista de um emprego na profissão que eu escolhi. Porém, existem traços marcantes negativamente que foram as perdas de pessoas que eu amo e que foram essenciais na formação do meu caráter. (ILZIANE LUZ, 2021)

Sobre a relação comercial:

Genú, ao recordar a relação comercial, o faz com a lembrança da sacola que sua mãe carregava na cabeça com maestria sem segurar com as mãos, quanto equilíbrio! E também recorda do comercial do seu João Perereca, esse recordar a fez se sentir bem.

Olha o comércio no Pindaí que eu me lembro muito na minha infância era o comercial de Seu João Perereca, nossa, esse comércio ficou famoso na época porque a mamãe fazia toda semana as compras, toda semana a gente ía lá, aí mamãe trazia a sacola na cabeça, olha que a gente andava dali até em casa aqui, viu. Mamãe com a sacola na cabeça e eu trazia a sacola com alguma coisa e ela sempre me levava, gente e eu gostava, então aquele comércio é uma coisa assim que ficou bem forte na minha memória. (GENÚ SILVA, 2021)

Nossa! Recordei com Maria a quitanda, a facilidade em comprar em retalho ou a dificuldade em ter o dinheiro suficiente para comprar o quilo, o litro, a barra.

Os comércios no Pindaí naquele tempo a gente não conhecia comércio por comércio, era por quitanda. E aí a gente podia comprar um pedaço de sabão, um pouco de açúcar, um pouco de óleo, hoje em dia não, é comércio e vende de 1kg, de um 1 litro, teve toda essa transformação. (MARIA CECÍLIA DA SILVA, 2021)

Louridane traz uma perspectiva do presente em que a diversidade dos comércios é um processo de crescimento econômico com a geração de empregos e narra a existência de riscos, também.

As transformações dos comércios foram boas, ou seja, trouxeram benefícios para nossa comunidade, pois, evoluíram bastante e com geração de empregos, temos moradores que foram beneficiados com trabalho, a facilidade para a comunidade que se deslocava para outros bairros ou municípios para realizarem suas compras, mais com o crescimento do comercio cresce os riscos (violência) como os assaltos. (LOURIDANE CRUZ, 2021)

Quando relatam sobre a relação com o quintal no povoado Pindaí coaduna-se à sistêmica temporal, dimensionada num tempo espaçado e tranquilo com atividades ligada à terra – quintal e os afazeres diários de casa, com conversas na porta de casa. Percebe-se que o ritmo de quem trabalha fora se tornou mais acelerado, contudo, se constata entre os moradores mais antigos uma ligação muito forte com a terra, e a relação dos moradores com o quintal é repleta de afetividade.

Observa-se na narrativa dos sujeitos espaciais, que utilizam a sua produção para subsistência, para agradar/presentear alguém e para a venda como complementaridade da renda (normalmente aposentadoria). É possível perceber uma relação afetiva e econômica dos moradores com os seus quintais, dessa forma não se considera o quintal um espaço aleatório e sim um espaço de referência para a subsistência, que bem preparado e conservado torna-se um potencial de possibilidades e de autonomia para os moradores do lugar.

A relação com quintal se estende além da propriedade na fala de Eliete, consiste em trabalhar à terra para cultivar e consumir, como também, para tornar o ambiente sem resíduo e mais belo.

Em relação ao meu quintal, da minha casa eu não tenho área é pequeno e cimentado; então dava dando muito rato devido o lixo resolvi plantar esse terreno não é meu, mais eu planto quiabo, macaxeira, abóbora já até comi daqui; e plantas decorativas pra substituir o lixo. (ELIETE DE SOUZA, 2020)

Louridane narra a relação com o quintal a partir da potencialidade de plantar e colher para seu consumo, e relata a ser proveitoso esse espaço além da casa.

Digo que proveitoso, pois apesar de ser um espaço pequeno tenho uma área de lazer, umas plantas ornamentais, medicamentosas e frutíferas, como meus pés de rosas, 2 pés de limão, vinagreira, João Gomes, tive perda do pé de abacate pois já estava velho e o pé de cupuaçu que tive que corta-lo pois a raiz estava já prejudicando a residência”. Ali atrás eu tenho um pé de pimentinha e num pneu que eu tenho pra plantar cheiro e cebolinha. (LOURIDANE CRUZ, 2020)

Seu Nonato é aposentado como pescador e tem experiência em lidar na terra para plantio, a colheita serve primeiro para consumo mais consegue vender também para somar a sua renda. No lugar é conhecido por ser trabalhador.

Eu planto de tudo quiabo, banana, cana, coco por que cê sabe se um filho quiser ele pode pegar porque sabe que é do pai, e que é dele não ta pegando dos outros. Planto minha mandioca, e tenho o forno pra fazer farinha que ta muito cara. (RAIMUNDO NONATO MÁCEDO, 2020)

Serafina ou Saroca ou ainda minha vó, é conhecida por ser mulher trabalhadora e teimosa, sou testemunha da sua lida na terra por necessidade e porque gosta, aposentada como operacional, mas experiente em lavrar à terra, em plantar e colher para consumir e presentear os amigos.

Eu sempre gosto de plantar minhas coisinhas macaxeira, quiabo, maxixe e a gente só pode fazer isso na época da chuva que é muita coisa pra cultivar com água. Eu gosto de plantar hortelã que é o da folha grossa que faz lambedor e também de ter o meu carvão eu faço uma caeira uma vez ou outra. (SERAFINA MENDES, 2020)

Ilziane já tem sua relação com quintal um pouco mais distante atualmente, remete mais a infância atrelado ao rio e árvores que brincava.

A relação com o quintal se dá mais na infância, pois brincávamos bastante, subíamos em árvores, comíamos as frutas diretamente do pé, tínhamos que buscar água no poço, que ficava distante da casa. Muitas situações que tive que passar no quintal de casa, pois lembro que na infância, frequentava o rio do Pindaí que hoje praticamente não existe mais. Havia um córrego que passava no meu quintal e que também não mais existe. Muitas árvores morreram ou não dão mais frutas devido a mudança de temperatura. (ILZIANE LUZ, 2021)

Assim, desvelar a memória, tratou-se de um exercício significativo de conhecer as lembranças que constitutivas da experiência vivencial, e também como escolha em compartilhar tais momentos com a pesquisa.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p.419). Dessa maneira a memória é algo vital para descrever o que somos e como se constrói e refaz no dia a dia, experienciando ser-estar-no-mundo enveredado pela dinâmica do processo de pisar no meu lugar.

### 1.3 Pisar no meu lugar

Enveredar pelo lugar e pisá-lo é uma oportunidade de fazer memória, lembrar, refletir e seguir. Nesse processo de teimosia em querer materializar informações e torná-las conhecimento, e agora registrar as memórias e experiências vividas no dia a dia, algo subjetivo que abarcaram em algumas dificuldades iniciais.

Entretanto, motivada pela significação que possa vir representar é um prazer e um desafio ao mesmo tempo, enveredar por pisar no meu lugar. O dito popular “nascida e criada no lugar” faz parte de muitas histórias de vida e da minha também, numa continuidade da terna infância de vovó e de mamãe até os dias atuais. Contar é fazer memória, numa expectativa de veracidade e autenticidade para compor a pesquisa, a partir da experiência de viver no lugar denominado Povoado Pindaí.

A ligação com o quintal não se trata de uma condição engessada nas lembranças, mas na identidade que se reconhece na vida, a partir da atividade familiar de lavrar a terra, criar galinhas, patos, plantar árvores frutíferas, cultivar plantas medicinais, ornamentais e da alegria em compartilhar o quintal. Das brincadeiras, da vizinhança, da vivência na comunidade católica, dos estudos, da amizade com as pessoas do lugar e de outros lugares em um processo cíclico de constituição nas diversas dimensões da vida.

A partir da inserção nas atividades da Igreja Católica no Pindaí, com uma vivência de CEB's (Comunidades Eclesiais de Base) ligando fé e vida, então algumas ações voltadas para o social em parceria com SESC-MA, e a igreja como ponte; cursos de biojóias, desenvolvimento de ONG's, teatro com a metodologia Teatro do Oprimido (Figura 1) e artesanato com a fibra de bananeira.

**Figura 1** – Atividade de Teatro do Oprimido, Pindaí.



Fonte: Soares (2002).

Realizou-se uma apresentação de teatro no Seminário de Políticas Públicas intitulado “como a fome dói” e apresentação da Via-Sacra (Figura 2) nas vias de acesso no Povoado.

**Figura 2** – Via-Sacra, Pindaí.



Fonte: Lopes (2002).

Com outras demandas de estudo e trabalho, diversas atividades antes inseridas no cotidiano da comunidade católica foram deixadas, ficou restrito as atividades eclesiais como a catequese e recentemente a participação somente nas missas e algumas ornamentações. Neste percurso amizades foram fortalecidas, outras desfeitas, mas por intermédio delas um projeto chamado “Crescendo Juntos” (Figura 3) consolidado desde o ano de 2005 em que famílias da França e Alemanha apadrinham crianças e adolescentes a estudarem na escola Patronato São José de Ribamar, por meio do custeio das mensalidades, numa ponte pela educação com carinho e novos laços. Outra marca linda de se registrar são os nascimentos dos sobrinhos lindos da tia (Ulisses, Ana Cecília, João e Helena), mas também partidas que deixaram saudades.

**Figura 3:** Projeto Crescendo Juntos.



Fonte: Azevedo (2018).

Tornou-se um exercício e um presente agradável na composição da pesquisa recordar as memórias que fazem parte do meu ser, como também, nesse processo refletir sobre como é viver em Pindaí, numa leitura do significado.

Como é viver em Pindaí?

É bom viver em Pindaí, é muito bom ter-se um lugar no mundo, no aconchego da família e de casa. Ter estabelecido uma relação amigável e agradável, embora se tenha dificuldades e essas não precisem ser tão pesadas, mas, são postas para serem superadas. A fragilidade humana aparece e a potencialidade também em uma conectividade de fé e laços primorosos e essenciais que permitem um frescor do viver. Cientes das limitações estendidas aos problemas existentes no lugar, mas em meio à pandemia, foi bom, agradável ter no lugar o quintal para acalmar.

Outros tantos problemas fazem parte do processo e a maneira de enfrentá-los também, mas, é importante contar com orientações e ajuda de perto e longe que facilitam o percorrer na vida. Assim, segue-se a dissertação com o capítulo os traços do lugar, no viés de levantar as características geográficas, históricas, culturais, religiosas e socioambientais do povoado Pindaí.

The image is a close-up photograph of a plant stem, likely a bamboo or similar species, showing a joint. The stem is yellowish-green with some darker spots and a small, dried, bulbous structure at the joint. The background is dark green with diagonal lines. The text 'TRACOS do PINDAÍ' is overlaid on the left side of the image.

TRACOS  
do **PINDAÍ**

## 2 OS TRAÇOS DO PINDAÍ

Consiste em levantar os traços geográficos e históricos, culturais e religiosos, e socioambientais da área de estudo, posto que, necessárias ao conhecimento das características fisiográficas, bem como, origem do povoado e dimensões como a religiosidade e aspectos socioambientais.

### 2.1 Traços Geográficos - Históricos

As características fisiográficas<sup>4</sup> do povoado, fundamentam-se em dados disponibilizados pelo IMESC da Ilha do Maranhão, destacando-se a Geologia, Geomorfologia, Solo, Vegetação, Clima e Hidrografia, assim como em algumas percepções dos sujeitos espaciais.

Sobre os aspectos geográficos, são recorrentes as manifestações de saudosismo e ausência da coparticipação no processo. Narrado por Louridane a vegetação e o rio, como perdas ambientais.

Temperatura elevada com o desmatamento das árvores, palmeiras que tínhamos muito. Houve perdas dos banhos, pois estão sendo usados para dejetos de esgotos de construções próximas. Desmatamento para construções de residenciais. (LOURIDADE CRUZ, 2021)

---

<sup>4</sup> A ilha é situada numa Região Costeira do Estado do Maranhão, na feição geológica - geomorfológica do Golfão Maranhense, sendo esta uma articulação regional da costa brasileira caracterizada por ser um grande e complexo sistema estuarino, destacando - se as baías de São Marcos e São José. Segundo AB'SABER (1960) *apud* IMESC (2011, p. 7-8), o Golfão Maranhense teve sua evolução geomorfológica começando no plioceno (final do terciário), quando ocorreu o soerguimento da faixa litorânea ocasionando a superimposição da rede de drenagem e erosão da Formação Barreiras; posteriormente, um novo soerguimento trouxe a retomada de erosão e aprofundamento dos vales a um nível mais inferior. No início do pleistoceno, a transgressão marinha deu origem a uma nova configuração das baías de São Marcos e São José completando o insulamento que originou a Ilha do Maranhão. No final do pleistoceno, um soerguimento menor e moderado avanço do mar redefiniu os contornos do Golfão Maranhense. AB'SABER (1960) *apud* IMESC (2011, p. 7-8), afirma que, a fase mais significativa da erosão teve seu processo sob condições climáticas mais secas que as atuais, período em que foram formados os horizontes de canga ferruginosa (solo laterítico) por "iluviação". A Ilha possui feições morfológicas que compreendem planícies de maré lamosas e arenosas, praias dissipativas de areias finas quartzosas, dunas móveis e fixas, falésias, pontais rochosos, depósitos de talus, restingas e manguezais. (FEITOSA, 2006 *apud* IMESC 2011, p. 7-8). A estratigrafia da Ilha está representada por sedimentos cretácicos (Formação Itapecuru), Terciário (Serie Barreira) e Quaternário (Formação Açuí), (CAVALCANTI; TAROUÇO, 1988 *apud* IMESC 2011, p. 7-8). Possuem solos do tipo latossolo amarelo e podzólico amarelo concrecionário; Caracterizada por floresta ombrófila densa e formações com influência marinha e fluvio-marinha como manguezais e restingas (IBGE, 2002) Segundo Koppen (1949 *apud* FEITOSA, 1989) a área está inserida na região da Ilha com clima do tipo Aw' possuindo, portanto, dois períodos distintos: um chuvoso (janeiro a junho) e outro de estiagem (julho a dezembro). O índice pluviométrico médio fica em 2.000 mm/ano. As temperaturas ao longo do ano variam entre 25,5°C e 28,6°C apresentando máxima de 34°C e mínima de 20°C, com amplitudes diárias em torno de 7 e 8° C (VIANA, 2000 *apud* IMESC 2011, p. 7-8).

Ilziane, por sua vez destaca a mudança de temperatura e por consequência, perda da vegetação, do córrego do quintal e do rio Pindaí:

Frequentava o rio do Pindaí que hoje praticamente não existe mais. Havia um córrego que passava no meu quintal e que também não mais existe. Muitas árvores morreram ou não dão mais frutas devido a mudança de temperatura. (ILZIANE LUZ, 2021)

Luciane, enfatiza em sua fala a impermeabilização do solo, processo de retirada da vegetação e a poluição do rio:

A poluição do rio, as mudanças são bruscas tem horas que o calor é muito forte por falta das árvores e quando a chuva vem forte, não tem mais pra onde as águas escoar. (LUCIANE SILVA, 2021)

Genú, em sua fala, reflete sobre benefícios e malefícios, numa pauta da naturalização no processo de crescimento, entretanto, comenta sobre quicá um equilíbrio entre economia e natureza:

Olha quanto as transformações né é do calor, do rio, da vegetação, vai acontecendo ao longo do tempo né, as transformações são importantes, elas precisam acontecer né, mas algumas nos trazem benefícios e malefícios, mas, elas são importantes e elas vão acontecer ao longo do tempo as transformações não é. E eu acho que o homem esquece um pouco não é ele visa muito lucro e esquece da nossa natureza, de cuidar no meio ambientes e das pessoas que estão ali né. E às vezes até acho ele esquece também que faz parte desse meio é, então assim ele vai destruindo ao mesmo tempo que ele vai construindo alguma coisa que vai beneficiar por um lado, mas ele vai destruindo por outro lado né. (GENÚ SILVA, 2021)

Maria comenta sobre a temperatura mais acentuada atualmente e a poluição do rio com pesar:

Hoje o calor não é mais como era, a gente saia no sol sem se preocupar em usar protetor solar, hoje em dia se tu não usares um protetor solar, tu já sabe o que acontece uma hora da quente, uma hora da fria, teve toda essa transformação. Sobre o rio hoje em dia está tudo poluído, a gente não pode mais tomar banho, fazer o que se fazia naquele tempo. Hoje em dia é tudo poluído coitados dos peixes, né”. (MARIA CECÍLIA, 2021)

Em relação ao “rio do Pindaí” comentado nos trechos das falas acima trata-se do Rio Santo Antônio que juntamente com o Rio Paciência recortam os municípios de Paço do Lumiar e São José de Ribamar, no (Quadro 5) abaixo algumas características desses rios, contudo, o rio que banha a área de estudo é somente o rio Santo Antônio.

**Quadro 5:** Características das principais bacias da Ilha do Maranhão

Denominação	Área km <sup>2</sup>	Perímetro(km)	Altitude Máx(m)	Altitude Méd(m)
Paciência	153,12	73,95	63	32
Santo Antônio	100,46	60,04	61	20

Fonte: Araujo, *et al*, 2009, adaptado por (LOPES, 2020).

Para Pindaí, adota-se a terminologia de povoado conforme o Plano Diretor do município de São José de Ribamar, devido às informações claras apresentadas e também pelas características presentes no lugar, embora com marcas de transformações com o processo de urbanização, crescimento demográfico, presenças de residenciais e do quantitativo maior de comércios.

Consoante o supracitado Plano Diretor, Pindaí está inserido em uma Zona Residencial – ZR 08, categorizado como povoado, para tornar visível a informação referente à categoria equivalente a Pindaí. Abaixo a classificação estabelecida pelo IBGE referente à rural e urbano no censo demográfico (2011, p. 11-12):

5 - Aglomerado rural (povoado) - Setor rural situado em aglomerado rural isolado sem caráter privado ou empresarial, ou seja, não vinculado a um único proprietário do solo (empresa agrícola, indústria, usina etc.), cujos moradores exercem atividades econômicas no próprio aglomerado ou fora dele. Caracteriza-se pela existência de um número mínimo de serviços ou equipamentos para atendimento aos moradores do próprio aglomerado ou de áreas rurais próximas. (IBGE, 2011, p. 11-12).

A classificação do IBGE no item 05 (Aglomerado rural - povoado) permite junto ao Plano Diretor de São José de Ribamar, identificar Pindaí como povoado, com características acentuadas de urbanização pela presença de empreendimentos privados. Todavia, assertivamente denomina-se povoado, pois não está inserido na área de perímetro urbano e nem da área considerada em expansão urbana e por apresentar permanência das ruralidades no lugar e no modo de viver dos moradores.

Para confecção do Mapa de localização do povoado Pindaí utilizou-se do conhecimento/ informação obtida através da entrevista com Louridane Brito da Cruz, ex-presidente da Associação beneficente Califórnia - Pindaí e agente de saúde do município de Paço do Lumiar, e também da entrevista com Ambrozio Bispo da Costa, morador do povoado no auge dos seus 86 anos, conforme dito popular “nascido e criado” em Pindaí. Utilizou-se

dos dados do Plano Diretor do Município de Paço do Lumiar (2007) e São José de Ribamar (2005) e dos geocódigos<sup>5</sup> do IBGE.

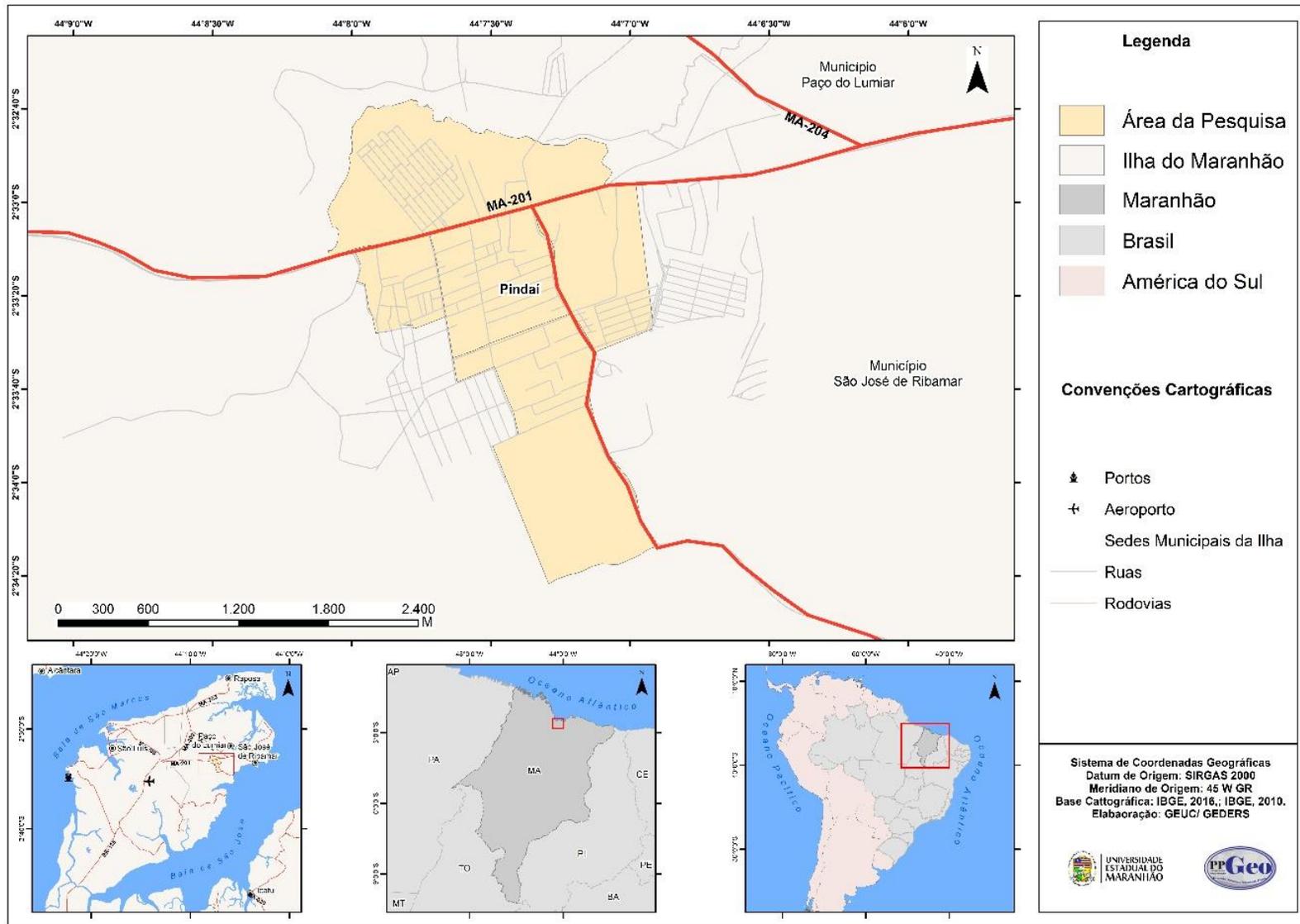
Assim, a partir da experiência dos sujeitos espaciais e dos dados coletados e apresentados no parágrafo anterior configurou-se o povoado Pindaí pertencente ao município de Paço do Lumiar, a partir do Portal do Paço II na rodovia MA-201, seguindo até o Wang Park no limite do antigo Rio conhecido popularmente como Riozinho devido a sua espessura e que em sua homenagem os moradores à sua margem denominaram o povoado de Riozinho, segue-se em direção ao Sítio da senhora Iara, onde se encontra a Estrada de Paço do Lumiar, na via de acesso ao povoado de Mercês em Paço do Lumiar, fechando o perímetro na construção do Portal do Paço II com a delimitação do povoado Pindaí no município de Paço do Lumiar.

Já a delimitação do lado de São José de Ribamar, seguindo o Mapa do Plano Diretor Participativo do município (2005), Pindaí identificado como um Povoado, localizado no P235 de coordenadas UTM 597558.77, 9718093.94 e na ZR8 (Zona Residencial 8). Limita-se ao Norte pela MA-201 com o Pindaí do lado de Paço do Lumiar, a oeste com o Povoado Vila Iraque, ao Sul com o Povoado Alto dos Macacos e a Leste com o Povoado Riozinho. A delimitação territorial visualizada no mapa (Figura 04) de localização do Povoado Pindaí, foi esboçada para este trabalho dissertativo.

---

<sup>5</sup> Geocódigos utilizados para a confecção do Mapa de Localização do Povoado Pindaí - 211120105000031, 211120110000013, 211120110000072, 211120110000106, 211120110000118 e o 210750605000093.

**Figura 4:** Mapa de Localização do Povoado Pindai



Fonte: Maciel (2020).

Para ampliar os conhecimentos do povoado, faz-se necessário enveredar em seus traços históricos. Essa historicidade conta com o registro de Raimundo Lopes (1937), que ao catalogar os sambaquis da Ilha do Maranhão registrou em Pindaí a presença de sambaqui<sup>6</sup>, com esse dado relevante descreve-se a história contada e somada pelos sujeitos espaciais, de acordo com suas memórias e lembranças.

Os sambaquis da Maiobinha e do Pindaí, resultantes, diretamente da retirada do mar na laguna, hoje convertido em parte integrante da Ilha do Maranhão, na qual o vale duplo, de São João e da Paciência se formou, mas também da presença nesta laguna, de uma população que se alimentava de moluscos e que influi grandemente na formação dos lastros de conchas. (LOPES, 1937, p. 22).

A pesquisa desse autor, conforme Bandeira (2019 p. 245) “Sua ação pioneira resultou no tombamento federal pelo IPHAN do sambaqui do Pindaí, em São José de Ribamar (Inscrição nº 6 no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico / Processo 211-T-39, de 19 de outubro de 1940)”.

A descrição de Raimundo Lopes (1937-1970) em seus estudos arqueológicos e nos estudos de Arkley Bandeira (2019), registraram sambaquis no Pindaí, enquanto Sítio Arqueológico. Entretanto, devido à ação antrópica com as construções das rodovias, plantio e outras atividades tornam esse patrimônio cultural degradado. Em entrevista com Serafina Mendes Lopes que reside na Estrada de Ribamar à margem da MA-201, a mesma relatou que em seu quintal há presença de concha de sarnambi, conforme (Figura 5), ela acrescenta:

Isso aí eu não alcancei, dizem que era praia, era o comentário, mas eu não alcancei praia aqui, quando eu nasci já era o Pindaí mesmo, já tinha a casa aonde os meus pais viviam. Mas dizem que era praia, eu sei que aqui no meu quintal, olha que lindo, chega tá ficando branco de sarnambi. (SERAFINA MENDES, 2020).

---

<sup>6</sup> Sambaqui é uma palavra de etimologia Tupi. Tamba significa conchas e ki amontoado, que são as características mais marcantes desse tipo de sítio. Os sítios são caracterizados basicamente por serem uma elevação de forma arredondada, são construídos basicamente com restos faunísticos como conchas, ossos de peixes e mamíferos (GASPAR, 2000, p. 09).

**Figura 5:** Quintal da Serafina Mendes com conchas de sarnambi



Fonte: Lopes (2020).

Em relação à origem do povoado Pindaí, ao descrever a história do município de São José de Ribamar ressalta Miranda (2009, p. 04) que “antes da chegada dos europeus, era somente um pedaço de ilha habitado por índios Gamela. Viviam da caça, da pesca e da agricultura”.

As condições geográficas existentes permitiam aos Gamelas viver nestas terras, originando povoados, a exemplo de Pindaí, cujo nome é de origem indígena - do Tupi Guarani e significa Água do Anzol, pindá – ouriço e anzol somado ao ‘i’ í- dizer e ‘i’ água (BARBOSA, 1951, p. 123).

Já sujeitos espaciais relatam outras interpretações para a origem desse nome como: Louridane Brito da Cruz: “águas que correm”, Suelma Cristina Mariano Farias: “rio do Anzol de origem indígena, então, entendo que o nome do Pindaí vem do Rio que era muito bonito e servia tanto para banho quanto pra pesca”.

Assim, a história de Pindaí contada pelos sujeitos espaciais revelaram que a renda das famílias provinha basicamente da agricultura, pesca e extrativismo (coco babaçu). A água para consumo e lazer era proveniente do rio Santo Antônio conhecido no local como rio Pindaí, e também, da Praia da Boa Viagem com instalações da

Camboa de Pedra (Figura 6) e Curral (Figura 7), distante cerca de 45m à 60min, em um trajeto a pé.

**Figura 6:** Camboa de Pedra – Praia da Boa Viagem



Fonte: Lopes (2020).

**Figura 7:** Curral - Praia da Boa Viagem



Fonte: Lopes (2020).

O transporte era feito por animal (cavalo) e raramente por carro de “pau de arara”. As moradias eram de taipa e palha, hoje a maioria das construções são de alvenaria, entretanto, ainda se encontra algumas construções recentes de taipa coberto por telha brasilite/telha de barro, visualizadas na (Figura 8) da Travessa 7 de setembro.

**Figura 8:** Construção de Taipa e Telha brasilite/ Telha de barro



Fonte: Lopes (2020).

Esse contar dos mais “velhos” possibilitou recordar o passado e perceber as transformações ocorridas, sobretudo nas questões culturais, religiosas e socioambientais. Enveredar nestes traços foi a oportunidade de aprofundar os aspectos que caracterizam o lugar.

## 2.2 Traços Culturais e Religiosos

A religiosidade do Pindaí que tradicionalmente consistia da Igreja Católica e Terreiros de Mina, nos últimos anos expandiu o leque da fé acentuando de maneira significativa com o crescente número de Igrejas, na sua maioria neopentecostais e terreiros de umbanda (Igreja Adventista; Igreja Assembleia de Deus; Igreja Batista Nacional Visão Eternidade no Pindaí; Igreja Congregacional; Igreja Sarah Nossa Terra; Igreja Católica de Santo Antônio – ligada a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus Moropóia/ São José de Ribamar).

E os terreiros de religiões de matriz africana: Tambor de Mina e Umbanda com representatividade no Povoado Pindaí. Segundo Ferreti (2002), as denominações religiosas comumente encontradas nos terreiros maranhenses, são:

As denominações religiosas mais encontradas em terreiros maranhenses são: tambor de mina, a mais antiga e conhecida na capital; o terecô, a mais antiga no interior; a cura (pajelança de negros), bastante antiga na capital e no litoral do estado, especialmente na região de Cururupu; a umbanda, mais difundida no Maranhão após 1960, com a fundação em São Luís da “Federação de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros”; e o candomblé, de penetração mais recente. Fora da capital maranhense alguns terreiros se apresentam ainda como de macumba (denominação muito usada no passado, no Rio de Janeiro), apesar desse termo ter se tornado pejorativo e hoje ser mais usado como sinônimo de feitiçaria. (FERRETTI, 2002, p.13).

Por meio das observações de campo foi constatado o isolamento das manifestações religiosas e o enfraquecimento da fé popular oriunda da festividade e prática da Igreja Católica. Uma outra relação existente é a sacro-profana<sup>7</sup> atrelada à festa religiosa do padroeiro, em que havia a promoção de seresta organizada por donos de bar/quitanda (Patoca, Raimundo, Sidney) e o repasse após o término da festa de um percentual à Igreja.

O isolamento das Igrejas e dos terreiros são notados por atividades religiosas e assistenciais promovidas por seus membros/participantes e para eles. A prática dos terreiros, existe a mesma lógica do isolamento apreendido na entrevista em que o termo “obrigação”, “secreto” foram fortemente utilizados, observado uma preocupação com o desenvolvimento único da sua atividade, embora, perceba-se autenticamente e urgente, a necessidade da promoção da coletividade pra proteção da natureza, para o bem do povoado e para própria continuidade dos ritos das oferendas realizados em mata, mar e rio aos seus “Guias” entidades do terreiro de Mina e Umbanda, conforme relato dos entrevistados.

Quando questionados de ação coletiva para ações de proteção foram unânimes ao dizerem que isso não é possível devido a matrizes distintas do culto, em relação às linhas (branca e negra) e dos terreiros (mina e umbanda). Essa relação de individualidade, entendido numa pretensão de manter a identidade individual, parece

---

<sup>7</sup> A compreensão do acontecimento de processos, encontros e misturas culturais no mundo atual, cada vez mais heterogêneo, nos leva ao entendimento de que sagrado e profano podem, por ventura ser analisados em conjunto num mesmo recorte espacial - como "espaços sacro-profano" - não sendo gerada necessariamente esta separação. (SOUZA, 2009, p.38)

que prejudica o envolvimento e fortalecimento de forças importantes da coletividade no povoado.

Trata-se de uma provocação dessas manifestações culturais para identidade e coletividade do lugar. Como cenário de manutenção da tradição com um renovo para atuar de forma efetiva nos desafios presentes para o bem comum da vida. Sobre o Terreiro de Umbanda, Venilson Alves Brito (conhecido como Vênis) e sua mãe Onésima Alves Brito (conhecida como Morena) permitiram fotografar (Figura 09), este apresenta uma forma peculiar de casa onde a construção foi implementada por doação de participantes/beneficiário do culto com alcance de resolução de problemas de saúde e financeiros.

Na fala, as entidades provocam um tipo diferente de construção em forma circular, uma “oca”, assim como no Terreiro de Mina de Dona Dica, em que as entidades orientam material mais rústico (ex. do “chão pisado”, enquanto expressão para identificar a ausência de piso/lajota pelo barro compactado).

**Figura 9:** Terreiro de Umbanda



Fonte: Lopes (2020).

Observado, conforme Ferreti (2002), a existência do sincretismo<sup>8</sup> religioso dos Terreiros e da Igreja Católica com a presença de imagens de santos (Figura 10) de devoção popular da religião cristã presente nas religiões de matriz africana. Em relação ao culto são nítidas as peculiaridades e diversidades com adaptações regionais, mantendo-se, no entanto, a essência.

**Figura 10:** Imagens do Catolicismo - Sincretismo



Fonte: Lopes (2020).

---

<sup>8</sup> O Sincretismo ocorrido entre as crenças indígenas e o sistema católico foi fruto notadamente das investidas jesuíticas em seu afã evangelizador. No caso dos africanos, estes exerceram um papel de protagonistas, ao buscarem formas de continuar a cultuar suas divindades. Para tanto, buscaram uma espécie de meio-termo entre seu real panteão e o sistema dos santos católicos introduzidos pelos padres ibéricos. (ROMÃO, 2018, p. 362).

Em relação a definição de religião concorda-se, com Donzellini (2016, p. 11) “é a atitude de uma pessoa em relação ao Sagrado - Deus que se comunica com a humanidade. É necessário acreditar na existência de Deus, reconhecer que somos criaturas e temos um Criador que nos ama e quer se comunicar conosco”. E ainda “o homem toma conhecimento do sagrado porque ele se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”, conforme Eliade (2008, p.17).

Essa busca do Sagrado é inerente ao homem e mulher enquanto ser religioso, diante da crença individual que se comunica numa coletividade, no povoado Pindaí se vislumbra nos Terreiros de Mina e Umbanda e nas Igrejas Cristãs.

Nas Igrejas Cristãs têm-se uma pluralidade Pentecostal e Neopentecostais<sup>9</sup> esta última cada vez mais o quantitativo crescente no povoado, mas, algumas características tornam-se marcantes e presentes, como já mencionadas anteriormente, tratando-se da individualização das ações promovidas por seus membros/participantes e para estes especificamente.

Diante do exposto, um olhar sobre as manifestações culturais existentes no povoado Pindaí é composto claramente pela crença oriunda do processo histórico vivenciado pela religiosidade dos Terreiros de Mina e Umbanda, da Igreja Católica, seguida da Igreja Assembleia de Deus, da Igreja Adventista, da Igreja Batista, da Igreja Congregacional, da Igreja Sarah Nossa Terra. As igrejas são constituídas por pessoas, que acentuam suas relações sociais ou as desfazem, como também se tem permeado o processo da construção das Igrejas/templos (Figura 11) que alteram a paisagem do lugar.

---

<sup>9</sup>Neopentecostal, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do ethos e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal (MORAES, 2010 *apud* MARIANO 1995: 37).

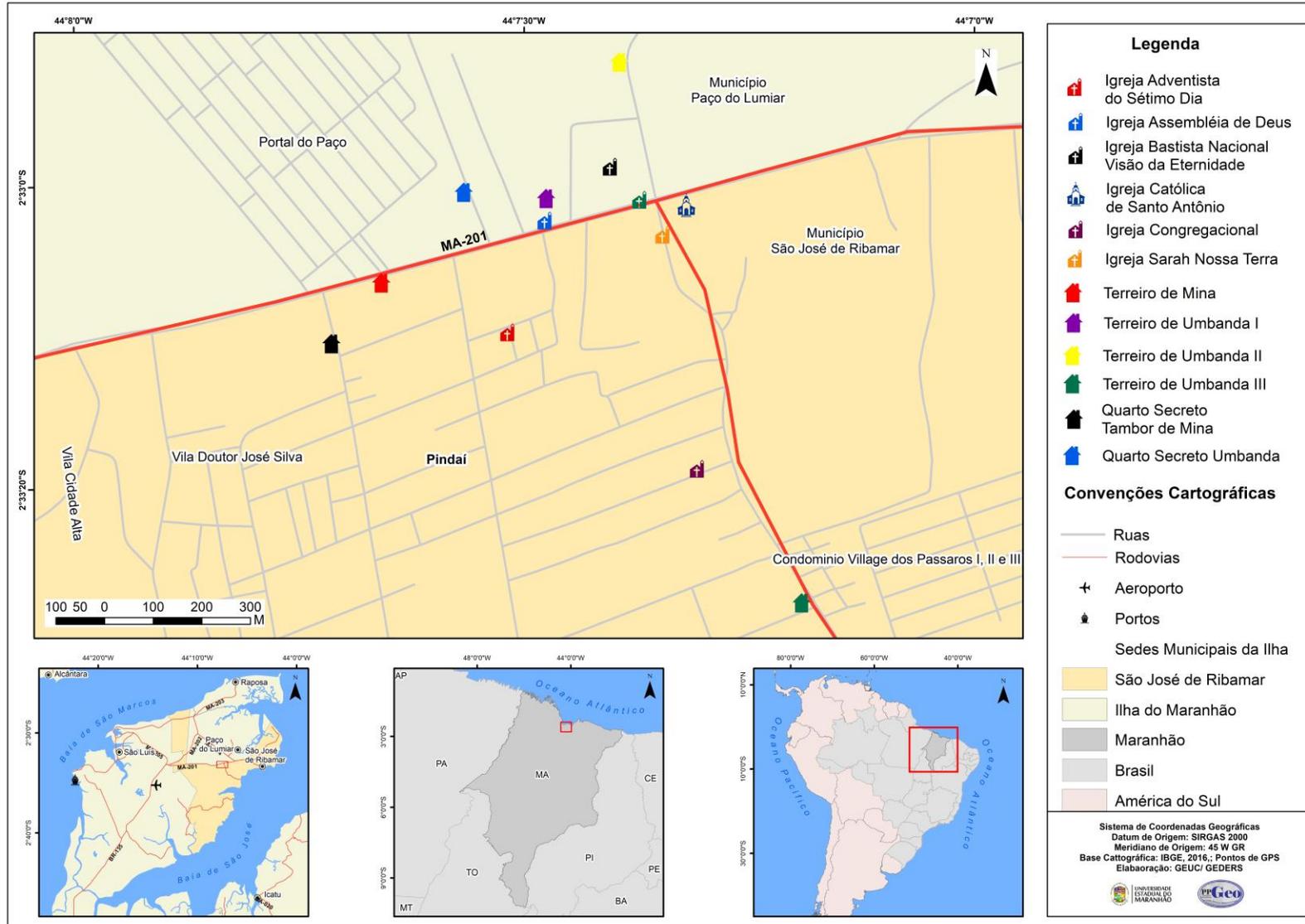
Algumas características marcantes do neopentecostalismo (dízimo, administração empresarial da fé, teologia da prosperidade, aceitação da autoridade, fanatismo e intolerância, proselitismo, igreja eletrônica, desvalorização do compromisso social e político. (DONZELLINI, 2016, p. 45).

**Figura 11:** Mosaico das Igrejas/templos

Fonte: Lopes (2020).

Neste sentido traz-se a identificação das manifestações culturais do Povoado Pindaí, voltadas à religiosidade étnica dos sujeitos espaciais no mapa de Identificação das Manifestações Religiosas (Figura 12). Na espacialização no mapa se identifica três terreiros de Umbanda e um quarto de secreto, um terreiro de Mina e um quarto de secreto; as igrejas Cristãs totalizam cinco e sua localização possui proximidade entre si, sem a vivência de um diálogo ecumênico, mas, cada representatividade consegue manifestar-se de acordo com seu credo e em seguida apresenta-se os traços socioambientais nesta composição do lugar.

Figura 12: Mapa de Identificação das Manifestações Religiosas



Fonte: Maciel (2020).

### 2.3 Traços Socioambientais

A relação ambiental imbricada pelas questões naturais e da sociedade, no Povoado são manifestamente ricas, tem-se, o Rio Pindaí<sup>10</sup> (Figura 13), assim conhecido popularmente pelos moradores, já foi fonte de abastecimento e de pesca. Tem sua nascente “no bairro Cidade Operária onde estão as maiores altitudes da sua bacia hidrográfica” Bezerra *et al.* (2001), esse rio possui outras denominações como Santo Antônio e Rio São João, que localiza-se na porção Nordeste da Ilha do Maranhão, compreendendo o município de Paço do Lumiar, parte de São José de Ribamar e de São Luís, Macedo (2011, p. 56-58).

Atualmente está em um processo de degradação ambiental, em virtude do lançamento de efluentes domésticos, assoreamento, contaminação e poluição das águas, comprometendo assim seu potencial de múltiplos usos (MACEDO 2011, p. 109). Recorrentemente foi mencionado nas narrativas dos sujeitos espaciais como *locus* de lazer e de convivência.

**Figura 13:** Trecho do Rio Santo Antônio/ Rio Pindaí próximo Wang Park



Fonte: Lopes (2020).

---

<sup>10</sup> Houve, análise bacteriológica de coliformes termotolerantes das águas do baixo curso do Rio Cururuca, em um ponto coletado próximo ao Wang Park foi de 2.419,2 NMP/100 ml, ultrapassando os valores permitidos pela legislação ambiental da CAEMA - Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (2002). E ainda analisando o curso do Rio Cururuca revela que devido ao fato dessa bacia drenar uma área de menor densidade demográfica, onde as atividades antrópicas são predominantemente rurais, apresenta suas margens relativamente conservadas, embora a qualidade da água esteja comprometida devido à contaminação de origem fecal (MACEDO 2011, p. 110).

O povoado Pindaí em seus aspectos sociais a serem considerados: saneamento básico, abastecimento de água, energia, saúde, escolaridade, transporte público, trabalho, lazer e resíduos sólidos. O tipo de esgotamento sanitário encontrado é de Fossa Séptica e recorre-se ao IBGE (2011, p. 22) para sua definição:

Banheiro ou sanitário do domicílio particular permanente foi classificado como: Fossa séptica - quando a canalização do banheiro ou sanitário estava ligada a uma fossa séptica, ou seja, a matéria era esgotada para uma fossa próxima, onde passava por um processo de tratamento ou decantação, sendo, ou não, a parte líquida conduzida em seguida para um desaguadouro geral da área, região ou município. (IBGE, 2011, p. 22)

O abastecimento de água é realizado pela rede construída pelos próprios moradores, que a fizeram sem um planejamento/ordenamento adequado, contudo faz chegar água às moradias através do poço da comunidade. Até setembro/2016 era administrado pela Associação Beneficente Califórnia - Pindaí, e, em Outubro/2016, passou a ser administrado pela Odebrecht, empresa que presta serviço de água e esgoto no município de Paço do Lumiar e São José de Ribamar, alguns moradores recorrem a outra forma de abastecimento, como poço artesiano próprio.

O abastecimento fornecido pela BRK é somente de água, sem nenhum tipo de investimento e melhoria na rede, utilizam a mesma encanação construída pelos moradores. Na maioria das casas a cobrança é da taxa mínima, mas em novembro de 2018 em quatro casas houve a implantação de hidrômetro, como projeto piloto. Tem-se o abastecimento de água encanada no povoado conforme (Figura 14) e segue a definição do serviço pelo IBGE (2011, p. 22):

A forma de abastecimento de água do domicílio particular permanente foi classificada como: Rede geral de distribuição - quando o domicílio ou o terreno, ou a propriedade onde estava localizado, estava ligado a uma rede geral de distribuição de água. Outra forma é quando a forma de abastecimento de água do domicílio era proveniente de poço ou nascente fora da propriedade, carro-pipa, água da chuva armazenada, rio, açude, lago ou igarapé ou abastecimento de água, diferente das descritas anteriormente.

Esta forma de abastecimento é a mais representativa no povoado, com água todos os dias fornecido pela prestadora de serviço de um bem essencial, encarecido de acordo com as regras mercadológicas.

**Figura 14:** Poço Artesiano que atende o Povoado Pindaí (BRK Ambiental)



Fonte: Lopes (2020).

O fornecimento de energia elétrica no povoado Pindaí é realizado pela Equatorial do Maranhão. Segundo a classificação do IBGE (2011, p. 23-24):

“em domicílio particular permanente de energia elétrica, para o domicílio que possuía. Investigou-se sua origem: de companhia distribuidora ou de outra fonte (eólica, solar, gerador etc). Exclusivo do domicílio - quando o medidor ou relógio era de uso exclusivo para registro do consumo de energia elétrica do domicílio”.

A Gestão Pública por sua vez, não conseguiu acompanhar o ritmo dos serviços privados na prestação de serviços públicos e infraestrutura para a qualidade de vida dos sujeitos sociais, tem-se um agravante, posto que, Pindaí consiste em um povoado limítrofe.

O povoado conta com a coleta de resíduos sólidos ainda ineficiente de Paço do Lumiar e São José de Ribamar, e o Posto de Saúde conforme se ilustra na (Figura 15) e os demais serviços são ausentes no povoado pela ingerência da Gestão Pública dos dois municípios.

**Figura 15:** Unidade Básica de Saúde - Pindaí



Fonte: Lopes (2020).

A escolarização básica (Fundamental I e II) é atendida pelos povoados vizinhos na rede pública, as escolas municipais de São José de Ribamar, Escola Municipal São José (Riozinho), Escola Municipal São Benedito Zona Rural (Estrada da Boa Viagem) e Escola Municipal Anita Rocha (Rio São João). O Ensino Médio, pela escola estadual CE Tarquínio Lopes (Maracajá) que é a mais próxima, as demais são no centro de São José de Ribamar, Maiobão e São Luís.

Outra denotação relevante é o acesso dos sujeitos espaciais ao ensino superior e à qualificação profissional. Em vinte anos esse número aumentou significativamente, com acesso às instituições públicas de ensino superior, aos programas do PROUNI e FIES nas instituições privadas, busca-se ainda qualificação com os cursos técnicos e profissionalizantes para ingresso no mercado de trabalho, também.

Em relação ao transporte público existem linhas de ônibus dos dois municípios de Paço do Lumiar e São José de Ribamar, com linhas integradas ao terminal Cohab/Cohatrac, linhas semiurbanas, vans e veículos de lotação.

A base econômica consistia em agricultura, pesca, e caça; hoje tem-se aposentados, pensionistas, pescadores (associados à Colônia de Pescadores Z-14 de São José de Ribamar) que exercem sua atividade na Praia da Boa Viagem e Tacuritua;

agricultores (associados ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de São José de Ribamar) que trabalham em seus quintais; funcionários públicos concursados e contratados (professores, operacional, técnico de enfermagem, agente de saúde, agente de limpeza, vigias que prestam serviço à prefeitura de Paço do Lumiar ou São José de Ribamar); funcionários da rede privada que prestam serviço em São Luís (comércio, escolas particulares, hospitais) e no próprio povoado (frentista, e atendimento – serviço de simples qualificação).

Existem também caseiros, donas-de-casa, domésticas, diaristas, babás (prestam serviço em São Luís), autônomos (taxistas, moto taxistas da Boa Viagem, moto taxista da Coopmolú, Revendedora da Avon, Natura e Jafra) e os empreendedores (de médio porte – contratam mão de obra e de pequeno porte, cuja a mão de obra é da própria família).

Observa-se que o entretenimento/lazer dos moradores é variado tem-se as praias (uma das mais procuradas é a Praia da Boa Viagem pela proximidade), shopping (na Estrada de Ribamar, o Pátio Norte), o Viveiro Tracoá e Wang Park (de forma esporádica os moradores utilizam em datas comemorativas – ex. aniversário) e tem o campo de futebol do Sanorte (Figura 16) que serve de lazer também aos moradores.

**Figura 16:** Área de lazer dos moradores – Campo de Futebol do Sanorte

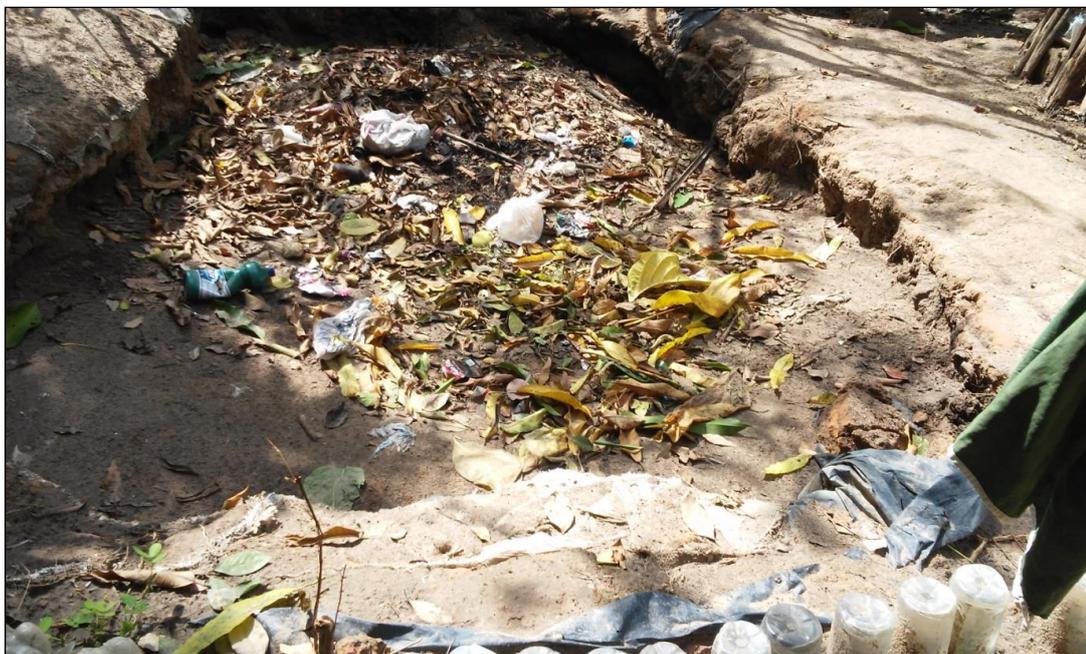


Fonte: Lopes (2020).

Voltando-se à questão ambiental de Pindaí, tem-se como problemática o prejuízo causado pelos resíduos sólidos, com a proliferação de doenças, oriundas da presença de insetos e poluição, a vegetação substituída por moradias e o Rio Santo Antônio, também denominado Cururuca e localmente Pindaí, degradado pelo desmatamento e represamento em virtude de empreendimentos econômicos, sendo atualmente impróprio para banho, pesca ou quaisquer atividades.

Em relação aos resíduos sólidos, aliado à ineficiência da Política Pública, os sujeitos espaciais do povoado Pindaí adotam distintas maneiras para o destino final dos resíduos a saber: queima, descarte em buracos, nesta conjuntura de corresponsabilidade alguns permanecem com hábitos de “cavar” um buraco em seu quintal e queimar o lixo (Figura 17).

**Figura 17:** Destinação do resíduo, buraco e queima no quintal



Fonte: Lopes (2020).

São realizados também o descarte dos resíduos em via pública para a coleta do material feita pela empresa terceirizada Sellix Ambiental LTDA que presta serviço ao município de Paço do Lumiar, ou quando coletado pela Ciano Soluções Ambientais LTDA referente ao município de São José de Ribamar. Quem mora às margens da MA-201 (Estrada de Ribamar) se beneficia com a coleta diária realizada pelo serviço dos dois municípios. Já os que moram nas outras vias, são atendidos pelos respectivos serviços de coleta do município correspondente.

A destinação dos resíduos sólidos no povoado do Pindaí enquadra-se nos parâmetros conceituais, apresentado pelo IBGE (2011, p. 22-23):

O destino do lixo proveniente do domicílio particular permanente foi classificado como, coletado: Diretamente por serviço de limpeza - quando o lixo do domicílio era coletado diretamente por serviço de empresa pública ou privada; Queimado (na propriedade) - quando o lixo do domicílio era queimado no terreno ou propriedade em que se localizava o domicílio; Enterrado (na propriedade) - quando o lixo do domicílio era enterrado no terreno ou propriedade em que se localizava o domicílio; Jogado em terreno baldio ou logradouro - quando o lixo do domicílio era jogado em terreno baldio ou logradouro público.

O descarte irregular do lixo, corrobora para tornar o aspecto do povoado sujo, mesmo que alguns moradores tenham feito lixeira para o depósito, boa parte da dos habitantes ainda deposita em terreno baldio (Figura 18), que acabam se tornando de pequenos a grandes lixões a céu aberto causando danos à saúde da população e prejuízos ambientais, conforme ilustra a (Figura 19), com a prática da queimada para diminuição do amontoado.

O destino final do lixo recolhido no povoado Pindaí pela empresa do município de Paço do Lumiar e São José de Ribamar, destinam-se ao Aterro de Titara, no município de Rosário.

**Figura 18:** Descarte de resíduo em Terreno Baldio



Fonte: Lopes (2020).

**Figura 19:** Prática de Queimada em Lixo em Terreno Baldio



Fonte: Lopes (2020).

Em contramão ao descaso de alguns moradores, tem-se a atitude da senhora Eliete Borges de Souza, que nasceu no Povoado do Pindaí e depois de casada passou a residir no povoado Dr. José Silva, retornando há nove anos. Ao residir próximo a um terreno em que pessoas depositam lixo, passou a cultivar e mudar o aspecto do mesmo, demonstrando uma bela iniciativa individual que modifica positivamente o entorno para se viver com mais qualidade (Figura 20).

**Figura 20:** Alteração – De lixo ao plantio (pelas mãos de Eliete)



Fonte: Lopes (2020).



METAMORFOSE  
do **LUGAR**

### 3 METAMORFOSE DO LUGAR

A metamorfose do Povoado Pindaí notada pelo processo de urbanização vivenciado na Ilha do Maranhão, pelo processo de expansão imobiliária, com a instalação de empreendimentos no lugar foi vislumbrado pelo professor Frederico Burnnet (2012, p. 354), que a “característica determinante do processo de urbanização insular está fortemente apoiada no aumento da demanda de moradias por parte da população de baixa renda”, trata-se do Programa Minha Casa e Minha Vida, como também e residenciais e condomínios subsidiado pela Caixa Econômica Federal. Assim, o processo de urbanização é promovido por agentes produtores do Espaço, conforme preconiza Roberto Corrêa (1989, p.7) que são os “Proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos”.

O Estado enquanto facilitador em parceria com os demais agentes no intuito de se implantar empreendimentos que em sua maioria não realizam uma política ambiental e social. Aproximando assim da configuração espacial e social, corrobora Burnett (2012, p. 358):

Graças à oferta de terras baratas - disponíveis devido à baixa densidade populacional e ao reduzido dinamismo econômico dos municípios os empreendimentos privados financiados pelo MCMV assumem, informalmente, o papel decisivo na política urbana de Paço do Lumiar e São José de Ribamar. Os municípios de São José de Ribamar e Paço do Lumiar passam a oferecer melhores condições de adquirir grandes glebas de terras baratas e concentram a totalidade dos empreendimentos.

Tratou-se de propriedades extensas de glebas em área rural, assim considerada pelos planos diretores dos dois municípios da referida área de estudo em que foram utilizadas para tais empreendimentos residenciais. Que pela proximidade e permanência das relações de trabalho e estudo dos moradores dos novos empreendimentos.

Dessa maneira, as transformações socioambientais são vislumbradas pelos “usos que definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão”. (CORRÊA, 1989, p. 7).

Conforme o processo de expansão da urbanização, com a implementação dos residenciais e de novos instrumentos privados no povoado, o reconfiguram espacialmente significando alterações no lugar.

Dessa maneira o uso da terra e ocupação do solo da Ilha do Maranhão se deu pelo crescimento populacional, que se constituiu entre outros aspectos como um reflexo das pressões dos grandes projetos industriais instalados na Ilha do Maranhão, a exemplo do Porto do Itaqui, da ALUMAR e CVRD, partes integrantes do Programa Grande Carajás. Esse Programa transformou a Ilha em polo de atração de mão de obra para essas empresas e para inúmeras empreiteiras, culminando com o agravamento dos problemas urbanos (IMESC, 2011).

O termo uso e ocupação da terra pode ser expresso por “uso da terra ou uso do solo” que pode ser entendida como sendo a forma pela qual o espaço está sendo ocupado pelo homem (ROSA, 2007). A autora ainda acrescenta:

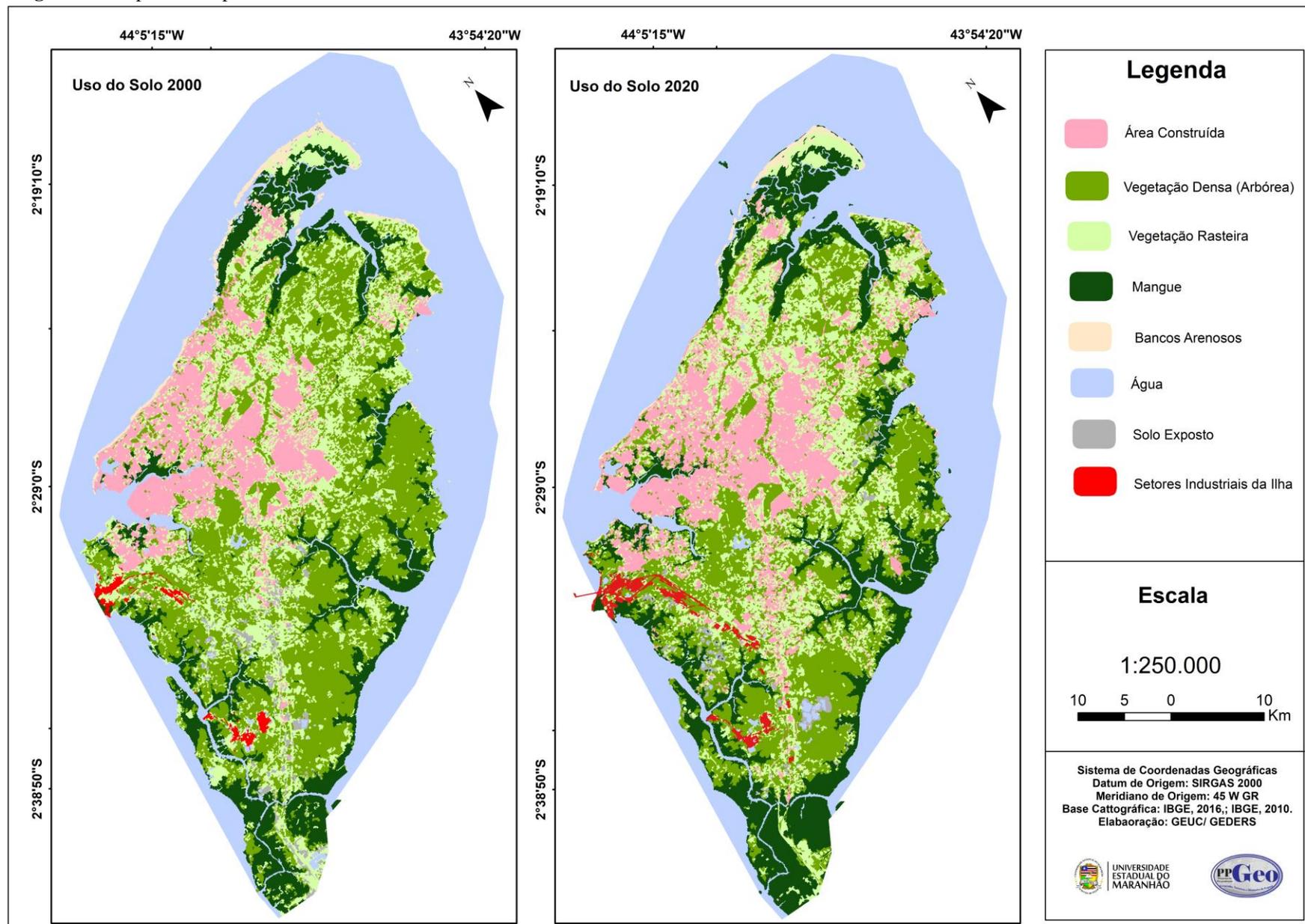
O estudo do uso da terra e ocupação do solo consiste em buscar conhecimento de toda a sua utilização por parte do homem ou, quando não utilizado pelo homem, a caracterização dos tipos de categorias de vegetação natural que reveste o solo, como também suas respectivas localizações (ROSA, 2007, p. 163).

O aumento da área ocupada e solo exposto da Ilha, em que o município de São Luís foi com menor percentagem dessa área (55%), tendo em vista que boa parte do seu território já havia sido ocupada ao longo dos seus quase 408 anos de existência. Essa demanda populacional estendeu-se para os outros municípios provocando crescimento demográfico.

A Ilha do Maranhão após esses intensos processos de urbanização resultado do crescimento dos grandes projetos econômicos, expansão imobiliária, aumento das ocupações espontâneas, exploração mineral e vegetal entre outros usos (IMESC, 2011).

Os municípios de Paço do Lumiar e São José de Ribamar estão num processo de crescimento populacional com a expansão imobiliária (residenciais e condomínios) e urbanização. Assim, apresenta-se o Mapa Comparativo do Uso do Solo da Ilha do Maranhão (Figura 21) dos respectivos anos 2000 e 2020, visivelmente áreas antes vegetadas na cor verde passa a ser ocupada por áreas construídas representada pela presença do cor-de-rosa, essa mancha rosa permanece crescente em 2020. Notada a expansão da área ocupada na Ilha, no sentido São Luís aos demais municípios de Paço do Lumiar, São José de Ribamar e Raposa.

**Figura 21:** Mapa de Comparativo do Uso da Terra



Fonte: Maciel e Pereira (2020).

Assim, alguns usos diversificados do solo são presentes também no povoado e pontua-se a partir da fala de José Bráulio, proprietário do Posto de Combustível Oton Auto Posto, (Figura 22), motivos que impulsionaram a instalação do seu empreendimento no Pindaí.

Procurei empreender no ramo da família de Posto de Combustível, durante 1 ano procurei em minha cidade São Luís, mas devido ao metro<sup>2</sup> ser elevado e não corresponder com o fluxo que eu desejava, comecei a rodar nesta estrada, avenida há uns sete agora em abril a gente vai completar sete anos já. E eu comecei a perceber que pra cá ainda tinha muita área, terreno ainda limpo, terreno com vegetação e já conhecendo o fluxo de crescimento de São Luís eu já tinha ideia naquela época que São José de Ribamar e Paço do Lumiar muito em breve seriam os locais pra onde as construções iam vim, porque já não tinha mais tanto espaço naquela época pra se construir, entendeu? (JOSÉ BRÁULIO SOARES, 2020)

Numa análise de mercado para instalar o seu empreendimento viu na expansão e crescimento populacional dos demais municípios da Ilha (Paço do Lumiar e São José de Ribamar) nicho satisfatório ao seu planejamento.

Então eu disse olha eu vou procurar na Estrada de São José de Ribamar, porque eu creio que em sete, dez anos mais ou menos foi o que eu calculei já vai ter um acréscimo em torno de 10 mil, 20 mil novos habitantes naquela região. Foi aí que eu conseguir localizar o dono desse terreno aqui, eu conversei com ele e a gente acertou, porque neste trecho aqui na época num raio de 7 km só tinha um posto próximo e eu via que aqui tinha muita expectativa de crescimento habitacional, então eu acabei encontrando um ponto tipo no centro desses 7 km que me davam condições de trabalhar sem ser incomodado por outro concorrente. (JOSÉ BRÁULIO SOARES, 2020)

Já em funcionamento desde abril de 2009, de acordo com as condições favoráveis mencionadas por José Braúlio nota-se que a sua empreitada do posto foi e está sendo bem sucedida.

**Figura 22:** Posto de Combustível Oton Auto Posto



Fonte: Lopes (2020).

Instalado no povoado Pindaí o Wang Park (Figuras 23 e 24) em janeiro de 1996, motivado na época pelo “boom” dos parques aquáticos conforme informa o senhor Wang, e como já tinham a propriedade do terreno na área com as características apropriadas ao empreendimento neste ramo resolveram investir (empreendimento familiar).

E continuam se aperfeiçoando (atendimento e equipamentos) para atender a demanda crescente visto vislumbrar neste nicho mercadológico<sup>11</sup> aquecimento pela relevância do lazer às pessoas e pelas condições de aumento populacional nas proximidades do Pindaí. Na entrevista do senhor Wang foi possível perceber seu otimismo quanto ao cenário atual para o empreendimento e a assertividade da inserção do mesmo no povoado.

Naquele tempo, naquele tempo era mais distante né dos usuários, mais hoje em dia com a habitação, o povoamento aqui do Pindaí com a construção dos conjuntos habitacionais e o lazer vai ser sempre uma prioridade para as famílias locais. Acho que a tendência e crescimento é muito maior. Porque ficou muito mais perto da população não precisa aquele deslocamento de carro, as pessoas só vinham aqui de carro não tinha a linha regular hoje em dia não a passagem é tranquila num trajeto de 1 hora. O crescimento do local será muito maior em decorrência disso, do lazer e hoje em dia com as praias poluídas, com a insegurança e por o local ser totalmente fechado, a tendência é somente crescer. (WANG CHAO JEN, 2020)

**Figura 23:** Entrada Principal do Wang Park na MA-201



Fonte: Lopes (2020).

<sup>11</sup> Nicho é um grupo definido mais estritamente que procura por um mix de benefício distinto. Em geral, para se identificar um nicho se subdivide um segmento em subsegmentos. Um nicho atraente tem as seguintes características: os clientes têm um conjunto de necessidades; o nicho não costuma atrair outros concorrentes; o nicho gera receitas por meio da especialização; o nicho tem potencial para crescer e gerar lucros maiores. Kotler e Keller (2006, p. 238-239)

**Figura 24:** Entrada do Wang Park na Rua Santo Antônio – Acesso a Paço do Lumiar



Fonte: Lopes (2020).

Lucimere Ferreira Cabral (Lucimere Bar – Figura 25) “nascida e criada no povoado” proprietária de um bar, nos relata que após trabalhar muitos anos em São Luís em casa de família resolveu investir e trabalhar por conta própria. Escolheu o bar, porque o seu companheiro na época tinha experiência no ramo, com quem aprendeu os procedimentos e funcionamento do mesmo; atualmente dar continuidade sozinha sem o auxílio do ex-companheiro, e reconhece que seu empreendimento instalado no lugar é responsável pelo seu sustento/renda. Pois, o seu bar encontra-se num ponto estratégico na Estrada Principal de Ribamar (MA-201), com a presença do campo do Sanorte; do condomínio Portal do Paço e o aumento da população, comenta que o fluxo de cliente é satisfatório.

**Figura 25:** Lucimere Bar



Fonte: Lopes (2020).

Dessa maneira o povoado do Pindaí se configura em uma área limítrofe permeado em seu entorno de grande concentração imobiliária e internamente por empreendimentos privados, cuja, finalidade consiste na obtenção da lucratividade, e ao se instalar/ inserir essa nova estrutura altera a paisagem do lugar. Há de se pensar em uma alteração não somente em sua estrutura, mas na vida com qualidade, benefícios que esses empreendimentos trazem à população local e para os habitantes que vivenciam ao entorno e até mesmo distante do povoado. Pois essa qualidade de vida não deve ser exclusiva para uma pequena parte da população.

Foi possível notar o aumento populacional no povoado, segundo os dados da Associação Beneficente Pindaí - Califórnia em seu cadastro constam 228 por número de moradias/famílias do lado de São José de Ribamar mais 83 famílias do lado do Paço do Lumiar, totalizando 311 famílias.

Mas, conforme a UBS (Unidade Básica de Saúde) do povoado Pindaí tem-se um quantitativo de 883 famílias no povoado esse número de habitantes/famílias aumentou, com a construção de novas moradias no mesmo terreno da família (situação comum), ou novas ocupações em áreas desabitadas próximos, a exemplo, se tem o Iraque ou loteamento Califórnia; Altos dos Macacos ou Residencial Jaguarema e Alto do Califórnia ou Vietnã. É observado a presença de pessoas vindas de outros lugares somado ao aumento dos moradores locais, levaram ao crescimento populacional do povoado.

As moradias e os empreendimentos representam uma configuração transformadora do espaço na realidade do povoado considerando um recorte temporal de vinte anos em que a presença preponderante era da natureza com vegetação densa e rio corrente. Atualmente tem-se outro cenário, pois há uma concentração populacional, agregado aos empreendimentos e com estes novos processos, também são presenciadas transformações socioambientais, enquanto processo natural da sociedade.

É notado novos padrões de casas (moradores do povoado mais antigo) em que a construção das moradias era de taipa e palhas, substituído por alvenaria e telha de barro; as cercas de tábua, arame, foram substituídos por muros; em alguns casos o tamanho do quintal foi diminuído. A visão é de “avanço/melhorias”, mas se observa também prejuízos um dos mais relatado é a violência, atribuída às drogas, que emerge numa sensação constante de insegurança e medo.

Louridane, ressalta a existência de casos de assaltos e roubos, atribuindo tais fatos, a chegada de novos moradores.

Índice baixo, os acontecimentos geralmente não são gerados pelos moradores do bairro e sim, alguns moradores novos, ou fatos gerados por assaltos e roubos que é o que acontece com mais frequência. (LOURIDANE CRUZ, 2021).

Na concepção de Ilziane, devido o medo de assalto houve necessidade de redobrar cuidados ao sair de casa, assim como o aumento da proteção extra na casa (grades, muros).

Infelizmente saímos de casa com medo de sermos assaltados ou até mesmo de perder a vida por conta de um simples celular. Nossas casas precisam sempre de uma proteção extra e também não podemos mais conversar na porta como fazíamos antigamente. (ILZIANE LUZ, 2021)

Arlete menciona que o aumento da violência ocorreu por conta de novas pessoas no povoado.

O bairro que era calmo com pessoas que eram todas conhecidas, se tornou um Pindaí com pessoas estranhas vindo de outros lugares pra morar aqui e acabou se tornando violento, por conta dos assaltos. (ARLETE DA SILVA, 2021)

Maria Cecília, fala dos sentimentos enquanto valores ausentes no povoado, distanciamento que promoveria a violência.

E sobre a violência aí pior naquele tempo era tão bom a gente tipo pisava no pé do outro, desculpa, hoje em dia já se sabe o que acontece você pisa no pé do outro pede desculpa e outro já quer tirar a vida. Essa violência teve essa transformação por causa que hoje em dia ninguém tem amor ao próximo, ninguém ama, ninguém respeita aí teve toda essa transformação devido a falta de respeito que gera a violência. Porque se a gente se respeitasse mais, amasse mais, a gente não tinha essa violência toda. (MARIA CECÍLIA DA SILVA, 2021)

Diante das respectivas percepções mencionadas, cada uma a sua maneira registra-se os sentimentos de insegurança e medo como relevante na configuração do Pindaí. Apresenta-se em formato de mosaico imagens dos comércios e empreendimentos que esboçam a configuração atual do lugar (Figuras 26 e 27).

**Figura 26:** Mosaico dos Empreendimentos A



Fonte: Lopes (2020).

**Figura 27: Mosaico dos Empreendimentos B**

**Comércio Pavão**



**Comércio de Deia**



**Lava Jato**



**Comércio**



**Material de Construção**



**Distribuidor de Ração**



Fonte: Lopes (2020).

O quantitativo de empreendimentos inseridos no povoado representa a facilidade de acesso aos serviços, entretanto, constata-se que os principais equipamentos privados utilizados pelos moradores para compra da mercearia mensal são realizados na Estrada de Ribamar (Maiobão) no supermercado São Francisco/Mercadão Menezes ou Mateus, e durante o mês na falta de alguns suprimentos, que recorrem aos serviços instalados no povoado.

Verifica-se, ainda que os empreendimentos são voltados para clientes externos, não obstante, ressalta-se que há contribuição dos mesmos quanto a empregabilidade de moradores para funções de acordo com a qualificação e perfil do trabalho.

Nota-se que os empreendimentos possuem características apropriadas para o mercado, pois há investimento de produtos e serviços que traduzem em competitividade para atrair e fidelizar os clientes, assim o povoado ganha aspectos mais urbanizatório da prestação de serviço privada.

Esses empreendimentos, construções de residenciais e novas moradias, caracterizam atualmente o povoado, mas, ao mesmo tempo se verifica as permanências das ruralidades e esta é um traço importante para o lugar.

### **3.1 Permanências das ruralidades no Lugar**

As permanências das ruralidades no povoado são traços relevantes e estão presentes na relação próxima entre vizinhos e na permanência do cuidado com a terra (produzir na terra para subsistência), conforme apresentada na fala do Senhor Raimundo Nonato, (2020):

Eu não tenho estudo não minha filha, mas eu não me acanho pra nem um que é estudado, eu sei dizer o que é preciso e não é, eu sou um agricultor da roça, sou um pescador do mar, do rio; eu conheço tudo o que vai e o que vem eu sou filho de um pescador e lavrador porque papai trabalhava tanto na roça quanto trabalhava no mar. Aí dizem que ah! Tu acabou com a natureza, não acaba não, ver se um buraco desse acaba com a terra, acaba não, em pouco tempo isso ta tomado de bagulhada, de raiz. Vamos lá, eles acabam, como ta acabado aí né, acaba quando eles vem com a máquina revirando tudo, leva a raiz, leva tudo o que tem encima da terra, no outro lugar aonde ele fica, já fica tudo cortado. (RAIMUNDO NONATO MÂCEDO, 2020)

A relação que se dá com a natureza na fala do senhor Raimundo Nonato é muito viva no escrito de Rodrigues (2009, p. 184), quando menciona “buscar a compreensão do território, da produção do espaço, das relações sociais, das relações da sociedade com a natureza”. A ocupação produtiva estaria relacionada principalmente com a agricultura

utilizada para suprir necessidades básicas de alimentação, água, vestuário, ou seja, ligadas diretamente à reprodução da vida.

Esta implicaria numa relação orgânica com a natureza, permitindo a recomposição, no tempo e no espaço, dos elementos da natureza. A relação orgânica pressupunha que a atividade agrícola devolvia à terra seus elementos constitutivos. A agricultura representava “a continuidade: um grão é substituído por outro grão, uma ovelha dá à luz mais ovelhas. O crescimento como ratificação e reafirmação do ser” (BAUMAN, 2005, p. 30).

Seguindo esta perspectiva de uma relação com a terra harmônica e orgânica para sobrevivência da vida em todas as suas dimensões, muitas vezes esta perspectiva é sucumbida perante o modelo existente, em que há descaracterização da função socioambiental percorrida por Rodrigues (2009, p. 184-185) ao apresentar “a ocupação/a produção destrutivas, estariam diretamente relacionadas às atividades extrativas vegetal, animal e mineral, aos setores secundário e terciário (indústrias, comércio, serviços, uso do solo para edificações de todas as atividades). A terra, no processo de expansão da produção destrutiva para todas as atividades, parece perder o seu valor como riqueza natural”.

O uso da terra para o capital dá-se somente como provedora dos recursos (matéria-prima) para geração de mais lucro. Salienta-se que as questões socioambientais se tornam figurativas neste processo, entretanto, ao tratar de pessoas e natureza existem sempre outras possibilidades e alternativas na teimosia de viver.

O povoado Pindaí, conta com o vínculo afetivo de sua gente principalmente a mais antiga devido ao apego e ao mencionar que deixariam o lugar. As relações sociais acontecem em movimento de acordo com a dinâmica da vida pela própria natureza do ser humano que é um ser social, essa relação compreende o meio familiar, de vizinhos, do trabalho, religioso e outros. Abaixo na (Figuras 28 e 29) o mosaico das ruralidades.

**Figura 28:** Mosaico das Permanências das ruralidades C

Criação de Galinha



Forno de Farinha



Murici



Maniva



Plantas Medicinais



Plantas Ornamentais



**Figura 29:** Mosaico das Permanências das ruralidades **D**

Juçara



Coco d'água



Macaxeira



Jaca



Caeira de coco babaçu



Caeira de vara



aposentado. Aqui tenho pés de cupuaçu, manga rosa, constantina, espada, buriti, juçara, macaxeira, cheiro verde, cebolinha, e tenho as galinhas que eu vendo bastante, tem sábado que eu levo até 08 dúzias de ovos pra Feira com comprador certo. (AMBROZIO DA COSTA, 2020).

**Figura 30:** Seu Ambrozio.



Fonte: Lopes (2020).

“Eu planto de tudo quiabo, banana, feijão, cana, coco por que cê sabe se um filho quiser ele pode pegar porque sabe que é do pai, e que é dele não ta pegando dos outros. Planto minha mandioca, e tenho o forno pra fazer farinha que ta muito cara”. (RAIMUNDO NONATO MÂCEDO, 2020)

**Figura 31:** Seu Nonato.



Fonte: Lopes (2020).

A permanência do rural representada está ligada aos mais antigos que experienciaram de forma autêntica essa realidade, por necessidade à sobrevivência, e mantém essa relação forte com a terra. Segundo Figueiredo (2009), a ruralidade encontra-se ligada à consideração das áreas rurais como redutos de autenticidade e de identidade coletiva, que segundo a autora fazem “apelo muito mais a uma ruralidade que parece ser” visto que as ruralidades referem-se mais a características internas de pequenas comunidades ligadas ao mundo rural.

Minha filha, meu pai até me colocou pra estudar eu que não quis, porque sabe não tinha tino meu negócio é a lida, com ele eu aprendi e tou ate hoje, sem bulir em nada alheio e ensinei isso aos meus filhos também. Eu acordo cedo, não sei acordar de outro jeito e tenho que fazer as minhas coisas senão me sinto é mal. (MARIA JOSÉ FEITOSA, 2020)

**Figura 32:** Dona Maria José.



Fonte: Lopes (2020).

Olha aprendi com meu pai a roçar, trabalho limpando com o fogo, queimando e plantando, planto de tudo um pouco quiabo, jerimum, mamão, milho, feijão, mas gosto da mandioca que sabe eu tenho meu forno de fazer farinha e eu faço minha farinha é uma vez por ano pra dá de comer e ainda vendo. Também deixo usar o forno por seis litros de farinha. (FRANCISCO DAS CHAGAS CARVALHO, 2020)

**Figura 33:** Seu Francisco das Chagas.



Fonte: Lopes (2020).

Essa característica se constata pelo ritmo e pela própria relação com a terra, que se dá de forma mais equilibrada e harmônica. Assim, “as ruralidades seriam compostas por objetos, ações e representações peculiares do rural, com destaque para as representações e identidades rurais dos indivíduos e grupos sociais” (MOREIRA, 2007, p. 233).

E de acordo com Carneiro, as transformações na comunidade rural estão intrínsecas a dinâmica do ser humano enquanto ator e sujeito social, do lugar em que vive; interligado aos fatores sociais, culturais e ambientais, mas que não implica na descaracterização do próprio rural.

[...] as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais...) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural. Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social (CARNEIRO, 1998, p. 58).

Pensar o rural não necessariamente contrapondo o urbano, mais reportando as suas virtudes e as fortalecendo para práticas mais sensíveis com a pessoa humana e natureza, numa compreensão de interdependência para a existência da vida. Cabe-se reaprender, reinventar alternativas, que promovam sim a qualidade de vida e respeito uns com os outros e

com o meio, refletindo e colocando a criatividade para ganhar o palco da vez e dar-se espaço ao essencial, assim como o forno à carvão (Figura 34).

**Figura 34:** Forno à carvão de dona Maria José.



Fonte: Lopes (2020).

Há uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da “crosta terrestre”, um enraizamento, uma espécie de fundação da realidade geográfica (DARDEL, 2015, p. 15). Essa experiência que perpassa pelo entrelaçamento do forno desde sua construção do barro e dos seus reparos, consistem num sabor adicionado ao alimento e compartilhamento da vida, na realidade geográfica do vivido por cada um e em coletividade. E ainda segundo Tuan (2013, p. 14) “No lugar dessas categorias polarizadas, sugiro uma escala, na qual em uma das extremidades se encontra a forma de viver perto da natureza” esse viver é uma busca constante de viver em equilíbrio.



CENÁRIO da  
**PERCEPÇÃO**

#### 4 CENÁRIO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A atividade de percepção que os indivíduos possuem do seu lugar pode servir de base para ações que visem sensibilizá-los de suas atitudes e da realidade à sua volta. A percepção ambiental, momento em que o ser humano vê, analisa, percebe e sensibiliza aqueles ambientes, caracterizando sua importância, suas limitações, assim comparando com outras regiões, gerando um interesse em conservar, preservar e manter aquele ambiente (UCHÔA & ALVES, 2012).

Neste contexto, a percepção ambiental envolvendo os moradores de um local pode contribuir para se compreender estas relações entre o homem e natureza num determinado lugar. Conforme, Schneider (2015, p. 68) “lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquele que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas”.

Para Tuan (1980), o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Por esta razão, faz-se importante sondar a percepção dos moradores do povoado, pois indicará a motivação pessoal, a experiência pessoal e coletiva vivenciada de acordo com os valores, cultura e educação. Segundo Machado (1999), através dos sentidos apreendemos a realidade, que pode se dá por meio dos sentidos comuns (visão, audição, tato, olfato, paladar), mas também especiais (de formas, de harmonia, de equilíbrio, de espaço, de lugar).

Os estudos que se baseiam a percepção ambiental propõem que não só a relação entre homem e meio ambiente seja estudada, mas também que perspectivas em pesquisas científicas, sociais ou políticas sejam elucidadas através da utilização deste conceito, Pacheco e Silva (2006).

A percepção ambiental torna-se complexa e remete a possibilidades diversas, pois trata-se do indivíduo, e como este se vê e atua. Que segundo Melazo (2005) através da percepção ambiental é possível compreender as relações existentes entre os indivíduos e o ambiente no qual está inserido, bem como suas expectativas. E ainda acrescenta:

O ambiente natural assim como os ambientes construídos são percebidos de acordo com os valores e as experiências individuais dos homens onde são atribuídos valores e significados em um determinado grau de importância em suas vidas. A percepção individual ocorre através dos órgãos dos sentidos associados a atividades cerebrais. As diferentes percepções do mundo estão relacionadas às diferentes personalidades, à idade, às experiências, aos aspectos sócio-ambientais, à educação e à herança biológica. Os estímulos sensoriais, os sentimentos relacionados ao espaço e a paisagem originam-se de experiências comuns voltadas para o exterior. A percepção do ambiente, as imagens, seus significados, as impressões absorvidas e os laços afetivos são unos em cada ser humano. Porém, o cognitivismo, a personalidade, o

ambiente social e físico tem uma determinada influência direta no processo de percepção do ambiente. (MELAZO, 2005, p. 3).

A percepção ambiental é a precursora do sistema que estimula à conscientização do sujeito em analogia às realidades ambientais contempladas (MACEDO, 2000).

Pois segundo Baker (2005), a percepção é o início do processamento de informações, a interpretação dos estímulos aos quais se presta a atenção de acordo com a conformação mental existente, que são as atitudes, experiência e motivação.

Percepção é a interpretação que uma pessoa faz de uma mensagem e esta pode ser diferente dependendo de quem a recebe, o que leva a crer que o nível de instrução e experiência influencia no modo como um estímulo é percebido e, conseqüentemente, nas atitudes e comportamento de consumo (BRANDALISE 2009, p.277).

Segundo Ferrara (1999), a percepção é informação na medida em que a informação gera informação: usos e hábitos são signos do lugar informado que só se revela na medida em que é submetido a uma operação que expõe a sua linguagem. A essa operação dá-se o nome de percepção ambiental.

Percepção ambiental pode ainda ser definida como sendo uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo. Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive. As respostas ou manifestações daí decorrentes são resultado das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa. Desta forma, o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas. (ROOSEVELT FERNANDES, 2016, p. 1).

Pacheco e Silva (2006) colocam a percepção ambiental como um conceito permeável entre a psicologia e a geografia, e que essa aproximação “os estudos das percepções ambientais dos homens influenciam diretamente no processo, o que explica que indivíduos atuantes em um mesmo grupo social expressem atitudes e pensamentos distintos”.

Esta percepção, concepção e motivação que fará o sujeito ativo ou passivo diante de sua realidade, se dá a partir do conhecimento que possui de si e do mundo, da compreensão das fragilidades e potencialidades para garantir sua sobrevivência. Para conhecer-se a Percepção Ambiental dos moradores, recorreu-se a concepção de Matos e Guimarães (2011, p. 131):

O modo como o homem percebe, interpreta e valora seus espaços, lugares e paisagem, e as distintas formas de uma gestão ambiental participativa e integrada. Este enfoque tem ajudado muito no entendimento de algumas atitudes e comportamentos pró ambientais dos indivíduos, constituindo-se em importante

instrumento de planejamento e educação para a conservação e preservação do meio ambiente, bem como para o delineamento de estratégias de enfrentamento e adaptação.

E ao conceito de Tuan (1980), que percepção é a resposta dos sentidos aos estímulos externos, muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. O autor ressalta que sem a auto compreensão não se pode esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais, que fundamentalmente, são problemas humanos visto que este depende do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos.

A Percepção Ambiental, conforme salienta Tuan, antes é uma percepção humana imbricada pelos fatores externos, mas processados internamente, este processamento em conjunto chega à tomada de decisões e provoca as atitudes. Perceber então, o conhecimento, motivação e entusiasmo que o sujeito espacial do povoado Pindaí tem em relação ao ambiente é fator preponderante para pautar ações que visem a proteção e cuidado com o lugar. Para tanto é necessário conhecer qual significado e representatividade os moradores locais têm, como escreve Vigotsky:

Entendo que o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado, toda percepção humana consiste em percepções categorizadas em vez de isoladas. A percepção é parte de um sistema dinâmico de comportamento; por isso a relação entre as transformações dos processos perceptivos e as transformações em outras atividades intelectuais é de fundamental importância (VIGOTSKY, 2007, p. 24).

O ser humano tem em sua natureza a dinamicidade que é aguçada pelo processo perceptivo em que se encontra a partir das variáveis das dimensões humanas (social, cultural, emocional, espiritual) que são potencializadas ou fragilizadas na vida e que implica na construção ou desconstrução do sujeito em movimento.

Assim, a pessoa em sua complexidade individual reporta ao coletivo de acordo com sua carga de valor para promoção do bem comum, nesta perspectiva compreender a percepção ambiental dos sujeitos espaciais do povoado do Pindaí, consiste em dar visibilidade ao contexto atual do povoado e de seus atores sociais envolvidos, para conhecer a motivação interna revelada por meio da entrevista, e da convivência diária que pode vir inquietar e provocar ações cotidianas para o bem comum de justiça social e equilíbrio ambiental no lugar em que se vive, beneficiando a todos os sujeitos envolvidos no processo de mudança.

#### 4.1 Percepção dos Sujeitos Espaciais

O levantamento teórico proposto sobre a percepção, assegura a sua relevância para análise da transformação socioambiental ocorrida no povoado Pindaí, pois caracteriza o distanciamento do objeto enquanto percepção individual, e acentua a percepção do sujeito espacial na sua percepção socioambiental associada às dimensões que o compõe como sujeito do processo, e como este se porta perante o espaço em que está inserido, mediante a percepção de alguns dos sujeitos espaciais.

Houve transformação sim, por parte da população alteração da vegetação para construção civil e infelizmente a água do rio se transformou em esgoto. (FERNANDA DA SILVA, 2020)

O fato relatado no povoado pela Fernanda, demonstra alteração pela presença de residenciais e condomínios, vastas áreas vegetadas foram vendidas e implementados esses empreendimentos sem a realização de uma política ambiental e social que beneficie diretamente o lugar.

Houve transformações que considero bruscas, pela falta das árvores e pela poluição do rio, tive muitos momentos bons no rio é o que mais sinto falta. (LUCIANE SILVA, 2021)

Nas transformações mencionadas por Luciane, observou-se na narrativa as transformações, a perda da vegetação e poluição do rio, o qual tinha um apego afetivo pelos momentos de encontro. Visualizado também em seu desenho (Figura 35), da igreja, do campo, da casa e a frase de saudosismo.

**Figura 35:** Percepção de Luciane materializada em desenho, 2020.

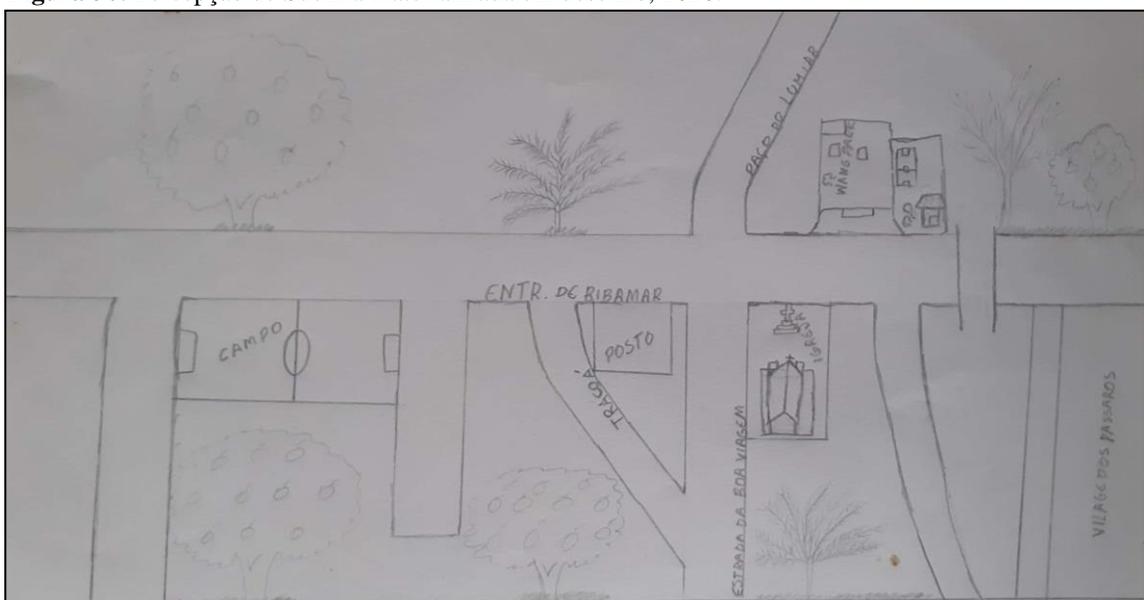


Fonte: Silva (2020).

Tivemos um crescimento de lojas alimentícias no local. Tivemos construção de condomínios que veio derrubando nossas árvores e acabando com o verde do local. (SUELMA FARIAS, 2020)

A expansão de áreas habitadas relatada por Suelma acresce com a presença dos comércios e condomínios presentes no povoado Pindaí levando-o a um processo de transformação que se vislumbra benéficos em parte, com mudanças socioambientais, esboçada no desenho (Figura 36) com o campo, o posto, wang park, tracoá, a igreja de Santo Antônio, o condomínio Village dos Pássaros e presença de árvores.

**Figura 36:** Percepção de Suelma materializada em desenho, 2020.

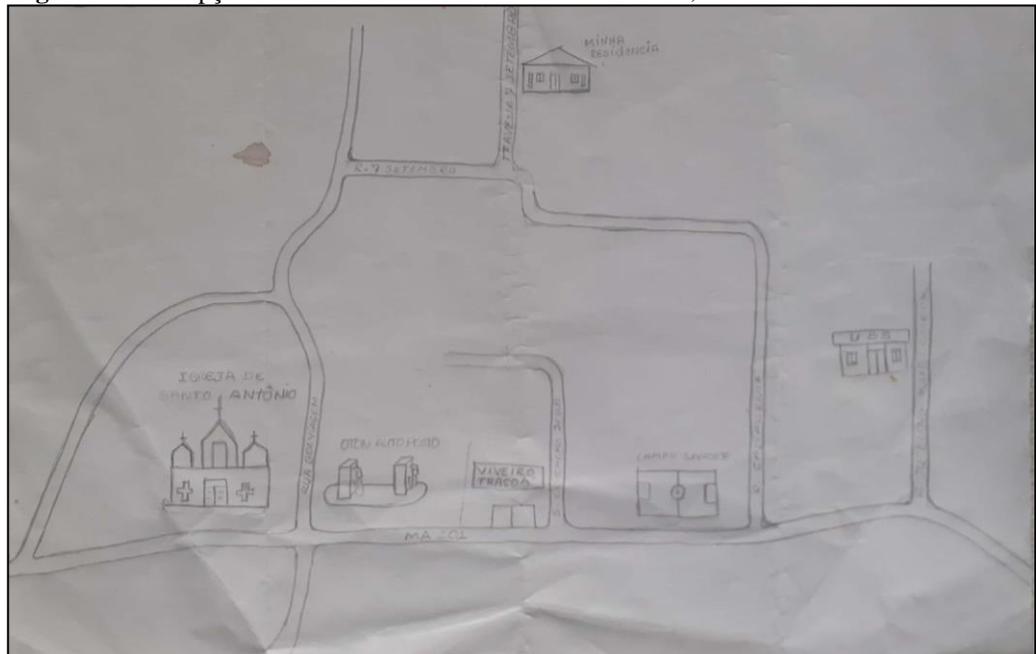


Fonte: Farias (2020).

Há presença dos condomínios, o posto de gasolina e o rio poluído, mudanças vistas principalmente no trato com a natureza. (GRACENILDE DA CRUZ, 2020)

A percepção de Gracenilde, permite afirmar que no povoado Pindaí, o processo de transformação socioambiental tem marcas fixas e em movimento constante, pela presença dos empreendimentos, da relação interpessoal, a relação com o quintal e a natureza. Em seu desenho (Figura 37) demonstra a percepção a partir da sua casa, da igreja, do posto de saúde, do campo, do posto de combustível e do viveiro tracoá.

**Figura 37:** Percepção de Graceniide materializada em desenho, 2020.



Fonte: Cruz (2020).

As questões ambientais precisam ser repensadas, para que se adote ações conjuntas visando a preservação do lugar, para proteger a saúde e a qualidade de vida. Segundo Pfeiffer, Murguía e Gandhi (2010), a modernidade separou a ordem ‘natural’ da ‘humana’ como se o ser humano não pertencesse a natureza, criando o pensamento da natureza ser um meio para suprir todas as necessidades humanas e que, portanto, deveria ser submissa a razão, contrapondo a ordem natural do desenvolvimento.

Tratando-se da postura frente às transformações observou-se a responsabilização do outro e a negação do seu compromisso enquanto sujeito também do processo, o que dificulta a atuação em prol de melhorias socioambientais no povoado e aguça o desafio das atividades existentes que gere alteração e permanência, ao mesmo tempo visando equilíbrio, harmonia e qualidade de vida promovida pelos sujeitos espaciais.

## 4.2 Portfólio Digital

A percepção ambiental dos sujeitos espaciais através de narrativas e desenhos, foi a proposta para interpretação da percepção ambiental no povoado Pindaí, e a partir dos mesmos, organizou-se o portfólio digital seguinte maneira: Utilizou-se as artes de abertura dos capítulos da dissertação, uma linguagem poética para dialogar com as fotos, mapas e demais dados da pesquisa. Para evidenciar de forma pontuada o processo construtivo da investigação que complementa e compila esse material que irá compor e ser utilizado para apresentações comunitárias como uma forma de divulgação do processo desenvolvido.

Considerando a “relevância da técnica desprendida, visto que, estas influenciam o modo como percebemos o espaço e o tempo, não só por sua existência física, mas também pela maneira como afetam nossas sensações e nosso imaginário”. (SERPA, 2011, p. 20)

Neste sentido que a fotografia alcança a imaginação, gera sensação e percepção, Martins (2019) nos ajuda a evidenciar, que a imagem fotográfica constitui mais que um recurso de técnica. E assim, permite refletir com a lente da vida o que é visualizado através da fotografia.

A fotografia nada acrescenta à precisão da observação sociológica, muito acrescenta à indagação sociológica na medida em que a câmera e a lente permitem ver o que por outros meios não pode ser visto. Ao mesmo tempo ela introduz alterações nos processos interativos, na pluralidade de sentidos que há tanto no lado do fotógrafo quanto no lado do fotografado e do espectador da fotografia. (MARTINS, 2019, p. 36)

O registro fotográfico não possibilita o congelamento do momento, e esta não seria a intencionalidade ao utilizar esta técnica, mas sim como a possibilidade de fazer memória da vida. Dessa maneira, “a fotografia se propõe como apontamento da memória e não como a memória, como lembrete do que se perdeu no cotidiano, na banalização, na secundarização de certos acontecidos”. (MARTINS, 2019, p. 43)

Portanto, a fotografia nutre a sua interpretação por uma contínua remessa ao real, que não se deixa congelar, que não interrompe o seu fluxo e que, por sua vez, agrega e redefine significações ao que só aparentemente é um “congelamento” de imagem e, nesse sentido, um “retrato” da sociedade em certo momento. A fotografia tece uma história. (MARTINS, 2019, p. 37)

A história pode ser contada pelas fotografias, e aqui se utiliza esse contar do processo dissertativo pelas imagens dispensadas no portfólio digital (APÊNDICE G), e que em posterior oportunidade será compartilhado com os sujeitos espaciais do Povoado Pindaí

em um formato de roda de conversa quando houver possibilidade sanitária devido a pandemia.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Povoado Pindaí em sua constituição enquanto lugar, possui peculiaridades específicas, em face à sua configuração territorial e sua gente, em uma composição histórica e atual representada pelas transformações no espaço e na relação social do sujeito que modifica e se deixa metamorfosear sem autorreflexão, das melhorias e dos prejuízos dessas alterações, associado à rapidez em que o processo acontece, e da imponência hierárquica dos projetos instalados no lugar sem a participação dos sujeitos espaciais, para que haja consonância com a história, cultura e ambiente.

Construir este trabalho fora indubitavelmente uma oportunidade de reconhecer o povoado em seus diversos aspectos e perceber que sempre se aprende e existe algo a apreender, sendo ainda uma possibilidade de contribuir na materialização de informações/conhecimentos compilados neste formato dissertativo e do portfólio digital. Não obstante minha relação com o lugar seja de uma vivência de 36 anos, e de trilhar, olhar, conviver cotidianamente e percebê-lo através da escuta e diálogo junto aos sujeitos espaciais com a intencionalidade da pesquisa que ensejara um dimensionamento distinto e representativo para mim, quiçá alcance outros indivíduos.

Neste percurso germinaram flores e espinhos que foram aproveitados para a interpretação da percepção ambiental, a partir do mapa do uso da terra em comparação os anos de 2000 e 2020 com o aumento da área construída, por empreendimentos, pelas novas moradias e pela presença mais acentuada de impermeabilização da terra, com o asfaltamento das vias de acesso e das construções residenciais/comerciais.

Foi possível a delimitação territorial do povoado com a confecção do mapa de localização e a identificação da religiosidade, destacando-se as religiões de matriz africana e de matriz europeia, com a presença de Terreiro de Mina e de Umbanda, Igrejas Evangélicas, principalmente neopentecostais e a Igreja Católica, aspecto cultural fortemente representado no lugar especializado também em mapa.

Esse processo ocorreu com o levantamento dos traços geográficos, históricos, culturais e socioambientais, resalte-se ainda a ancestralidade indígena Gamela como sendo os primeiros habitantes e a identificação do patrimônio arqueológico como a Camboa de Pedra e os Sambaquis que estão relacionados com esta herança dos povos originários.

As fragilidades no povoado Pindaí ainda são percebidas pela falta de infraestrutura devido à ausência do poder público dos dois municípios, no que concerne a serviços básicos de educação, saúde, segurança e do próprio distanciamento articulatório no povoado, que de forma organizada coletivamente buscarem políticas públicas de melhorias sociais e ambientais para amenização, enfretamento às problemáticas, a intencionalidade em ação, um sonho em construção. Bem como verificar meios de reverter a situação atual do rio citado saudosamente pelos sujeitos espaciais por sua beleza e importância para vida do lugar.

Também, enquanto potencialidade, as permanências das ruralidades em que se retira da terra o suficiente para a sobrevivência e existência da vida, alinhada à construção mais representativa da relação interpessoal e com o ritmo temporal desacelerado, que pode ser aliado aos recursos tecnológicos e técnicos, desde que priorizem a vida.

Esta perspectiva harmônica em primar pela qualidade de vida dos sujeitos espaciais (saúde, alimentação, dentre outros aspectos) em sintonia com a natureza, constitui-se um desafio da humanidade e em uma escala do trabalho no lugar- Pindaí, e mais atrelado a uma conjuntura com resquícios de individualismo/isolamento em que o muro/cercamento demarca a propriedade e o distanciamento do outro.

Somados aos aspectos acima elencados existe ainda o desafio da presença da violência, drogas, desocupação dos jovens e insensibilidade dos sujeitos espaciais para as melhorias coletivas, a desunião se faz presente e fragiliza a atuação da Associação e da potencialidade de práticas sociais contundentes.

A Percepção Ambiental dos sujeitos espaciais fora fundamental para interpretar as motivações existentes e interagir com a inquietude e indagações sobre as melhorias que o povoado precisa para que a existência social transcorra com dignidade, fomentando a sensibilização ambiental e a valorização da coletividade. Assim, as narrativas e desenhos dos sujeitos espaciais possibilitaram a interpretação da percepção ambiental e a organização do portfólio digital consolidando o trabalho.

A continuidade de estudos na área é necessária para aprofundar os conhecimentos em parceria com os sujeitos espaciais, capaz de tornar efetivo as ações no povoado. Portanto, o conhecimento, autorreflexão, gestão participativa, com ênfase na atuação consciente do poder público em parceria com as forças vivas do povoado são necessárias para construir uma configuração espacial com qualidade de vida, visto ser primordial o cuidado e a conservação da natureza e é possível com passos firmes, um de cada vez; individualmente e coletivamente em equilíbrio com o lugar.



# REFERÊNCIAS

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, E. P. de. *et al.* Delimitação das bacias hidrográficas da Ilha do Maranhão a partir de dados SRTM. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 14, 2009, Natal. **Anais...** Natal: INPE, 2009. p. 4631-4638.
- BANDEIRA, A. M. **Arqueologia Pública e a preservação do patrimônio cultural pré-colonial maranhense: diagnóstico sobre o estado de preservação dos sambaquis da Ilha de São Luís – Maranhão.** Patrimônio e Memória, Assis, SP, v. 15, n. 1, p. 238-265, jan./jun. 2019.
- BARBOSA, A. L. **Pequeno Vocabulário Tupi-Português.** Livraria São José - Rio de Janeiro 1951.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BAKER, M. J. **Administração de marketing.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- BAUMAN, Zygmund. **Vidas Desperdiçadas.** Jorge Zahar Editores, 2005.
- BEZERRA, J.F.R; MACHADO, J.V.; FEITOSA, A. C. Estudos dos Parâmetros Morfométricos da Bacia do Santo Antônio, município de Paço do Lumiar – MA. In: **Anais do IX Simpósio Brasileiro de Geografia Aplicada.** Recife, 2001.
- BRANDALISE, L. T; *et al.* **A percepção e o comportamento ambiental dos universitários em relação ao grau de educação ambiental.** *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 16, n. 2, p. 273-285, abr.-jun 2009.
- BURNETT, F. L. **METROPOLIZAÇÃO E GESTÃO URBANA NA ILHA DO MARANHÃO: efeitos socioambientais da produção imobiliária de baixa renda.** *Revista de Políticas Públicas [en línea].* 2012, ( ), 353-361 [fecha de Consulta 7 de Agosto de 2020]. ISSN: Disponible en: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321131651038>>. Acesso em 10 Set 2020.
- CARNEIRO, M. J. **Ruralidades: novas identidades em construção.** In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, 11, outubro 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>>. Acesso em: 26 Ago 2020.
- CHIZZOTTI, A. **A pesquisa em Ciências Humanas e Sociais;** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- CORRÊA, R. L. **Espaço, um conceito-chave da Geografia.** In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). *Geografia: Conceitos e temas.* 2. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1989.

DARDEL, E. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DONZELLINI, M. **O fenômeno religioso: ser católico no meio do pluralismo religioso.** Brasil. São Paulo: Paulus, 2016 – Coleção Cadernos Catequéticos.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERREIRA, A. J. A. **A produção do espaço urbano de São Luís do Maranhão: passado e presente, há futuro –Brasil- Maranhão- São Luís: EDUFMA, 2014.**

FERRARA, L. **Olhar periférico: linguagem, percepção ambiental.** 2 ed. São Paulo: Editora da USP, 1999.

FERRETI, S. **Andressa e Dudu – os Jeje e os Nagô: apogeu e declínio de duas casas fundadoras do tambor de mina maranhense.** In.: SILVA, V. G. da. (Org.) Caminhos da Alma. Brasil. São Paulo: Summus, 2002.

GASPAR, M. **Sambaquis: arqueologia do litoral brasileiro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000: il. - (Descobrimos o Brasil).

HISSA, C. E. V. 1954- **Entrenotas (livro eletrônico): compreensões de pesquisa.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

HOLZER, W. **O método fenomenológico: Humanismo e a construção de uma nova geografia.** In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. Temas e caminhos da Geografia Cultural. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 37-71.

\_\_\_\_\_. **Mundo e lugar: Ensaio de Geografia.** In: MARANDOLA JR. E. HOLZER, W. OLIVEIRA, L. DE. Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. (p. 281-304)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Base de informações do Censo Demográfico 2010: Resultados do Universo por setor censitário.** Documentação do Arquivo. Rio de Janeiro 2011.

\_\_\_\_\_. **Cidades.** 2010. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/paco-dolumiar/panorama>>. Acesso em: 01 Set 2020.

\_\_\_\_\_. **Cidades.** 2010. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-jose-de-ribamar/panorama>>. Acesso em: 01 Set 2020.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS – IMESC. **Situação Ambiental da Ilha do Maranhão/ Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos.** – São Luís: IMESC, 2011.

\_\_\_\_\_. **Anuário Estatístico do Maranhão.** V. 1 (1968) - São Luís: IMESC, 2010. Disponível em: <[http://www.imesc.ma.gov.br/temp/docs/anuario\\_2010.pdf](http://www.imesc.ma.gov.br/temp/docs/anuario_2010.pdf)>. Acesso em: 11 Set 2020.

LOPES, R. A natureza e os monumentos culturais. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro: MEC, n. 1, p. 77-106, 1937.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trd. B. leitão (et al). 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de Marketing**. 12 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

MACHADO, L. M. C. P. **A Percepção do Meio Ambiente como suporte para a Educação Ambiental**. Pompêo, M.L.M. (ed.) *Perspectivas da Limnologia no Brasil*, São Luís: Gráfica e Editora União, 1999. Disponível em:  
<[http://www.ecologia.ib.usp.br/portal/index.php?option=com\\_docman&Itemid=426](http://www.ecologia.ib.usp.br/portal/index.php?option=com_docman&Itemid=426) > Acesso em: 11 Ago 2020.

MACEDO, L. A. A. de. **A Urbanização da Ilha de São Luís e seus impactos ambientais nos recursos hídricos**. São Luís: EDUEMA, 2011.

MACEDO, R. L. G. **Percepção e conscientização ambiental**. Lavras, MG: Editora UFLA/FAEPE, 2000. 132p.

MARANHÃO. Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Coordenadoria de Programas Especiais. Programa Estadual de Gerenciamento Costeiro. Macrozoneamento do Golfão Maranhense; Diagnóstico **Ambiental da Microrregião da Aglomeração Urbana de São Luís**. Estudo Socioeconômico e Cultural. – São Luís: Sema/MMA/PNMA, 1998.

MARANDOLA., E. Jr. Fenomenologia e Pós-Fenomenologia: Alternâncias e Projeções do fazer Geográfico Humanista na Geografia Contemporânea. **Geograficidade** | v.3, n.2, Inverno 2013. ISSN 2238-020.

\_\_\_\_\_. **Lugar enquanto circunstancialidade**. In: MARANDOLA JR. E. HOLZER, W. OLIVEIRA, L. DE. Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. (p. 227-248).

MARTINS, J. de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2 ed., 5. Reimpressão. -São Paulo: Contexto, 2019.

MATOS, M.P.; GUIMARÃES, S.T. de. **A percepção ambiental em planos de emergência: uma proposta para os estudos de sensibilidade ambiental a derrames de óleo**, 2011, p. 129

MINAYO, M. C de S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_(Org) **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Ed: Vozes, Petrópolis RJ,1994.

MIRANDA, A. J. F. **São José de Ribamar (nossa história, nossa cultura e nossa gente)**. Ilustrações Jesus Santos. – São Paulo: Cortez, 2009. – (Coleção nosso município)

MELAZO, G. C. Uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Olhares & Trilhas**. Uberlândia, Ano VI, n. 6, p. 45-51, 2005.

MELLO, J.B.F. de. **O triunfo do Lugar sobre o Espaço.** In: Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. (p. 33-68).

MORAES, G. L. de. **Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro.** Revista de Estudos da Religião junho / 2010 / pp. 1-19 ISSN 1677-1222.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A.M. **O lugar como uma construção social.** Revista Formação, v. 2, nº 14, p. 48-60, 2007. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6\\_moreira\\_e\\_hespanhol.pdf](http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf)> Acesso em: 11 Ago 2020.

OLIVEIRA, L. de. **O sentido de Lugar.** In: MARANDOLA, E. Jr.; HOLZER, Werther; OLIVEIRA Livia de. Qual o espaço do lugar: geografia, epistemologia, fenomenologia. – São Paulo: Perspectiva, 2014.

PACHECO, E; SILVA, H. P. **Compromissos epistemológicos do conceito de percepção ambiental.** 2006. Disponível em: <<http://www.ivt-rj.net/sapis/2006/pdf/EserPacheco.pdf>>. Acesso em: 15 Set 2020.

PFEIFFER M.L; MURGUÍA D; GANDHI I. **Ecología y sustentabilidad: el fantasma de la pobreza. Medicina y Humanidades.** Santiago de Chile. 2010; (1):41-51.

RELPH, E. **As bases fenomenológicas da geografia.** Geografia, v. 4, n. 7, 1979.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar.** In: MARANDOLA JR. E. HOLZER, W. OLIVEIRA, L. DE. Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. (p. 17-32)

RODRIGUES, A. M. **A abordagem ambiental: Questões para reflexão.** GeoTextos, vol. 5, n.1, jul 2009. (183-201).

ROMÃO, T. L. C. **Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional:** Divindades africanas e santos católicos em tradução. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n (57.1):353-381, jan./abr.2018.

ROSA, R. **Introdução ao sensoriamento remoto.** Uberlândia: Ed. UFU, 2007.

ROOSEVELT. S. F. SOUZA. V. J. DE. PELISSARI. V. B; FERNANDES. S. T. **Uso da Percepção Ambiental como Instrumento de Gestão em Aplicações Ligadas às Áreas Educacional, Social e Ambiental.** Disponível em < Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental | Coordenadoria de Educação Ambiental ([infraestruturameioambiente.sp.gov.br](http://infraestruturameioambiente.sp.gov.br))> Acesso em 21/02/2021.

SCHNEIDER, L. C. **Lugar e não-lugar:** espaços da complexidade. Ágora, 2015, 17(1), 65-74.

SEBRAE/ES. **O empreendedor e suas características.** SEBRAE/ES 2005 20 p. (Manual do Empresário). CDU 658

SERPA, A. **Lugar e mídia.** – São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, J.A.X de. A resignificação religiosa do turismo regional: um estudo geográfico-cultural do Santuário de Fátima da Serra Grande. Dissertação (mestrado em Geografia), Universidade Federal do Ceará, p. 164. 2009.

TUAN, Yi-Fun, 1930. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. A cidade: sua distância da natureza. *Geograficidade* | v.3, n.1, Verão 2013. ISSN 2238-0205.

\_\_\_\_\_. **Space and place: humanistic perspective.** In: GALE, S. OLSSON, G. (Orgs.). *Philosophy in Geography.* Dordrecht: Reidel, 1979, p. 387-427.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira:- Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. **Geografia Humanística.** In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia.* São Paulo: Difel, 1985. p. 143-164.

UCHÔA, C. M.; ALVES, A. L. F. **Percepções do espaço geográfico local a partir de práticas de educação ambiental:** oportunidades de ensino para as escolas públicas. Disponível em: < <http://www.eng2012.agb.org.br/lista-de-artigos?...espaco-geografico-local-a-partir-d.>> Acesso 11 Ago 2020.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Organizadores Michael Cole... [et al]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 7ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. – (Psicologia e pedagogia).

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A - ROTEIRO AOS SUJEITOS ESPACIAIS

Tema: **CAMINHOS DA PERCEPÇÃO DO MEU LUGAR: PINDAÍ**

O que entendes pelo nome do lugar - Pindaí?

Qual a tua origem? Há quanto tempo moras no lugar? Que relação conseguistes criar com o lugar?

Como percebes as relações do coletivo no lugar? Como articular melhorias pro lugar?

Quais transformações espaciais você percebe no lugar? Percebes transformação/alteração do solo, da vegetação, do rio (água), do lixo?

Quais os aspectos socioeconômicos destacas (escolaridade, renda, atividades econômicas, lazer, drogas/violência)?

Que uso fazes do quintal?

Quais festividades, religiosidades, traços culturais presente no lugar?

## APÊNDICE B - ROTEIRO CULTURAL

Tema: **CAMINHOS DA PERCEPÇÃO DO MEU LUGAR: PINDAÍ**

Que representatividade cultural promove? Há quanto tempo e como se constituiu?

Qual identidade cultural e religiosa motiva atuação na comunidade/povoado?

Que relação conseguistes criar com o lugar?

Quais os principais desafios existentes pra promover a atividade cultural?

Como percebes as relações do coletivo no lugar?

Quais transformações espaciais você percebe no lugar? Percebes transformação/alteração do solo, da vegetação, do rio (água), do lixo?

Como articular melhorias pro lugar a partir da cultura?



## APÊNDICE C - ROTEIRO DA RELIGIOSIDADE

Tema: **CAMINHOS DA PERCEPÇÃO DO MEU LUGAR: PINDAÍ**

Qual a tua religião? E a data da construção/fundação?

Onde moras? O porquê da escolha do Pindaí para inserção da Igreja/Culto/ Terreiro?

O que entendes pelo nome do lugar - Pindaí?

Qual relação conseguistes criar com o lugar?

Como percebes as relações do coletivo no lugar?

Quais transformações espaciais você percebe no lugar? Percebes transformação/alteração do solo, da vegetação, do rio (água), do lixo?

Como articular melhorias pro lugar a partir da religião?



## APÊNDICE D - ROTEIRO DAS PERMANÊNCIAS

Tema: **CAMINHOS DA PERCEPÇÃO DO MEU LUGAR: PINDAÍ**

Quais culturas são cultivadas?

Qual o modo de cultivo é praticado? Com quem aprendeu?

Qual a finalidade do cultivo? Quais técnicas são utilizadas?

Em quantitativo, qual seria a renda anual da produção?

É sindicalizado?

Essa produção é para seu próprio consumo? Se não, comercializa onde o restante? Faz alguma outra coisa?

Percebeu alguma mudança no modo como as pessoas daqui usam seus quintais e áreas de roçado?

Qual sentimento tem por este lugar?



## APÊNDICE E - ROTEIRO DOS EMPREENDEDORES

Tema: **CAMINHOS DA PERCEPÇÃO DO MEU LUGAR: PINDAÍ**

Qual motivo o levou a escolher o Pindaí para instalar o seu empreendimento?

Qual a data de instalação do empreendimento na comunidade?

Quais transformações espaciais favorecem o seu empreendimento? Por quê?

Quais os impactos ambientais e sociais notas na comunidade? Quais seriam as suas causas?

Como vê a atuação do poder público no Pindaí?

Quais contribuições podes (enquanto pessoa jurídica/individual e coletivamente) fornecer para melhoria do Pindaí?

## APÊNDICE F – TCLE -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Em 2 vias, assinado por cada participante voluntário(a) da pesquisa e pela pesquisadora responsável

O (A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo intitulado “**A PERCEPÇÃO AMBIENTAL SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS DO POVOADO PINDAÍ – ILHA DO MARANHÃO/ MA**”. Que será realizada no Povoado Pindaí – Ilha do Maranhão, localizado às margens da MA-201, povoado limítrofe de Paço do Lumiar e São José de Ribamar. Cujas pesquisadora responsável é a Professora Dr<sup>a</sup>. Ana Rosa Marques (Professora Adjunta III da Universidade Estadual do Maranhão e analista ambiental do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - MA).

O estudo se destina a Compreender a Percepção Ambiental dos sujeitos sociais do Povoado Pindaí sobre o processo de transformação socioespacial existente no lugar. A importância deste estudo se dá pelas inquietações de cunho pessoal pelo fato de morar no lugar, e assim, possuir uma ligação identitária com o mesmo, dessa maneira compreender a percepção dos moradores sobre as transformações socioespaciais e copilá-la em informações/conhecimento tornando-o materializado, é uma possibilidade de contribuir com o lugar, seguido da exposição de fotografias digital (Geofotos) que possibilitará integração e intervenção no Povoado Pindaí.

Participantes da pesquisa - Sujeitos sociais que moram no Povoado Pindaí, adultos de ambos os sexos. A contribuição do participante do estudo é intrínseca a esta pesquisa, pois, trata-se de escutar a história de vida, levantar os traços geográficos, históricos, culturais e socioambientais do lugar. Devido à centralidade do sujeito na abordagem qualitativa e no método de cunho fenomenológico. Será promovido roda de conversa a partir de filme para interação e sondagem em local salubre, e entrevista com registro fotográfico e gravação de áudio para utilização exclusivamente para fins acadêmicos. Dessa maneira a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa tem o risco de embora com cuidado, importunar e gerar algum constrangimento ao participante, atentos a esta questão serão minimizados, garantindo a individualidade da entrevista e liberdade para não responder quaisquer questões.

As pesquisadoras já desenvolveram esta atividade de entrevista semiestruturada no período da graduação e em outras atividades e com respeito e atenção aos sinais verbais e não verbais de desconforto para prosseguir a pesquisa com satisfação para o voluntário/sujeito da pesquisa.

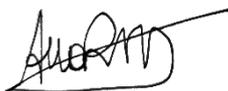
A participação é voluntária de livre consentimento do participante, e este poderá desistir de participar em qualquer momento da pesquisa sem nenhum constrangimento para si, físico, jurídico e material. Entende-se que ao participar desta pesquisa o (a) voluntário (a) não terá nenhum benefício material e de remuneração, assim como nenhuma despesa. Entretanto, tem direito em pedir vistas da dissertação antes da divulgação/publicação de seus resultados para sugerir alterações de afirmações. E que o participante será beneficiado ao contribuir e construir informação e conhecimento de cunho científico para o Povoado Pindaí. As informações conseguidas através da participação do sujeito não permitirão a sua identificação, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto ou em publicações de artigos, matérias de jornais, revistas ou eventos científicos.

Autorizo a divulgação, sem fins lucrativos, das imagens e dados coletados durante roda de conversa/reunião/entrevista por mim livremente concedido, sem ter sido forçado ou obrigado para tanto. Obs.: TODOS OS ITENS serão esclarecidos e detalhados aos participantes da pesquisa.

Discente: Katiuse Mendes Lopes

Email: katiusemendes@gmail.com/ Fone: (98) 999733612

Atentamente,



Ana Rosa Marques

CPF: 11133736874



Katiuse Mendes Lopes

CPF: 00767961323/ RG: 917378987-9

APÊNDICE G  
CAMINHOS DA PERCEPÇÃO DO MEU LUGAR



# PINDAÍ

CHEGANDO, PENSANDO E PISANDO NO MEU LUGAR PINDAÍ OU RIO DO ANZOL, COM MARCAS E MOVIMENTOS QUE EXPRESSAM A EXISTÊNCIA DE SER E VIVER.



Então vamos juntos!



# CAMINHAR no **LUGAR**

Nossa! Que oportunidade

De conhecer a partir da humanidade

E aprofundar com habilidade

O Lugar

Com os sujeitos sociais, do lugar

Foi possível desvelar

A experiência e memoriar

A história de vida

Das pessoas do meu lugar

Com traços pessoais e sensibilidade

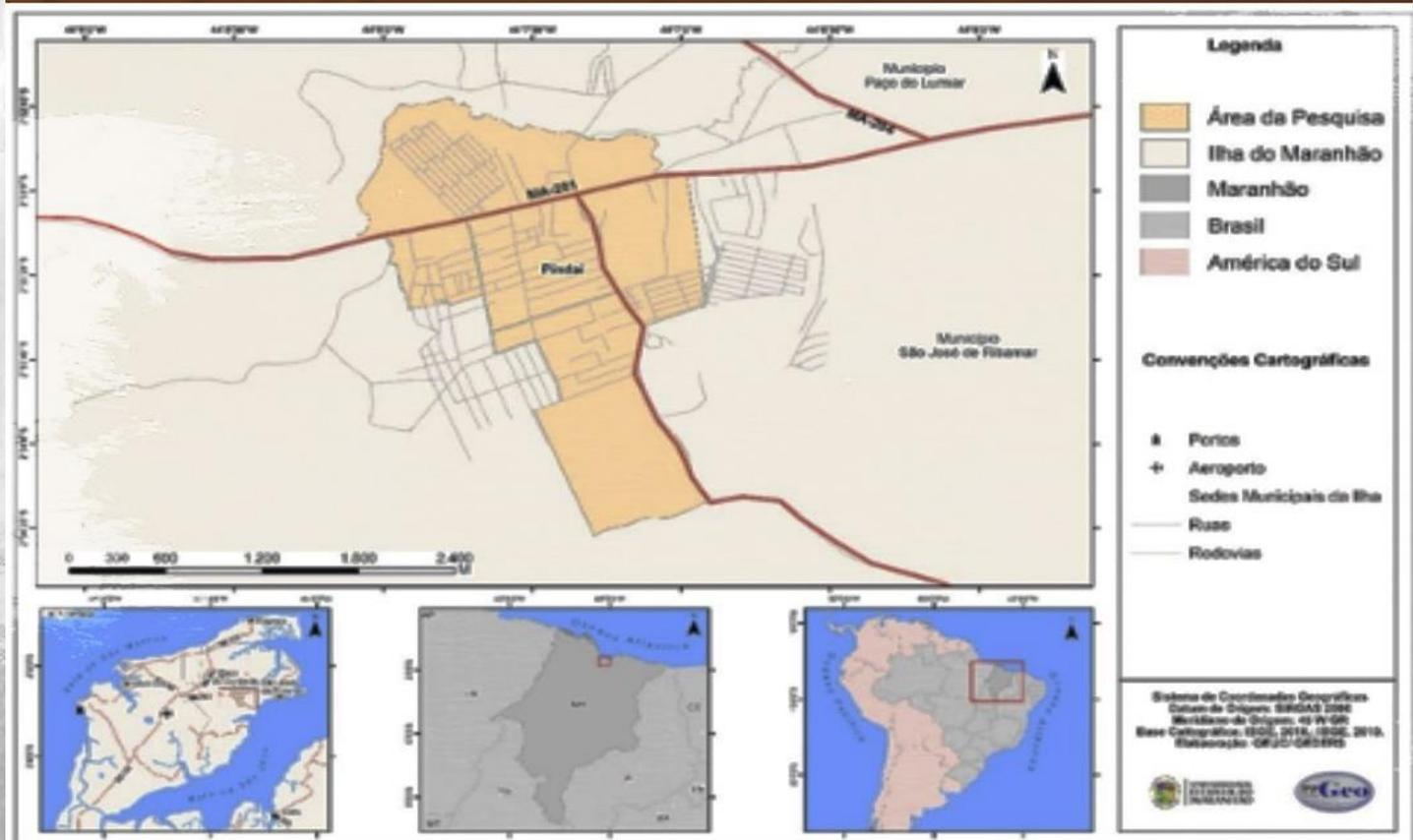
A proposta foi com afetividade

Mergulhar na familiaridade

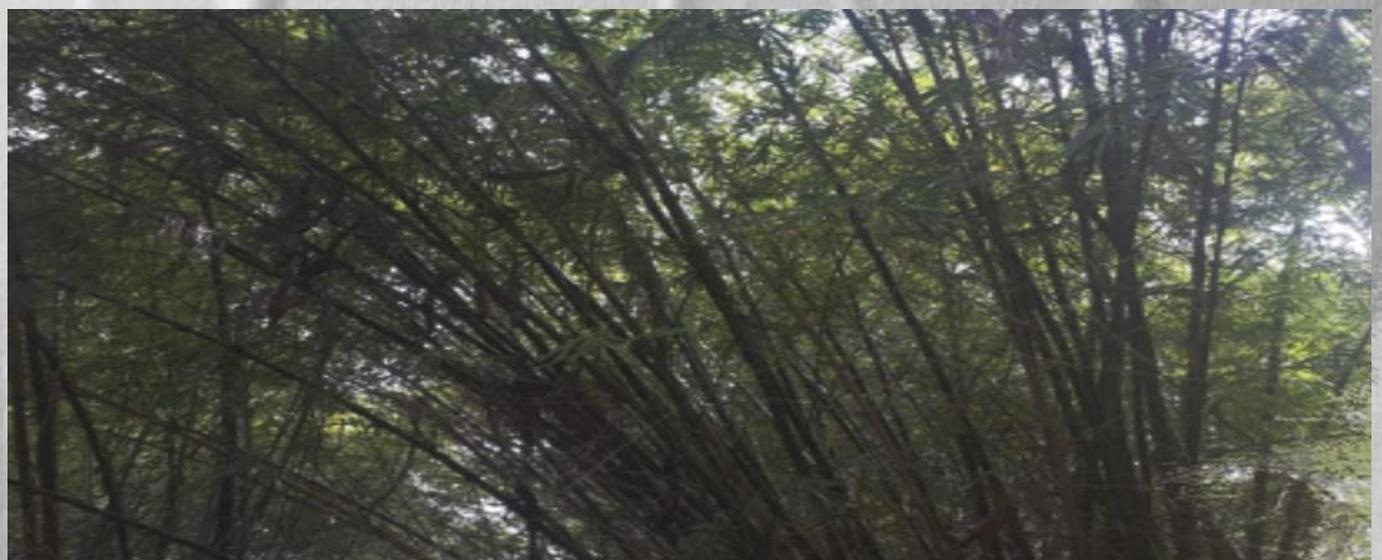
E valorizar a amizade

Do meu lugar

# Vamos ao habitar...



Naturalmente, o frio e calor,  
Quando chove e em pleno vigor,  
Presença da luz solar, com fervor,  
Para atenuar com ventilação,  
Tem-se a vegetação.





TRACOS<sup>5</sup>  
do **PINDAÍ**



E continuar, com os traços do lugar...

Entre flores e espinhos,  
vemos rastros nos caminhos  
de poluição e lixo entre o verde  
de peixes sem rio a morrer de sede  
e a natureza dos povos ancestrais  
lamenta seus tristes ais...



Rio do Anzol ou Pindaí  
os Gamelas viveram aqui  
ancestre história contada  
a partir do Sambaqui.



Faz parte do ser, Em Deus acreditar;  
de várias maneiras rezar, o importante é andar com fé;  
nas sendas do caminhar, acreditando no futuro até;  
que os sonhos possam brotar, no cântaro do futuro;  
no altar do amanhecer, os jardins atrás do muro;  
revelem-se aos olhos do ser.



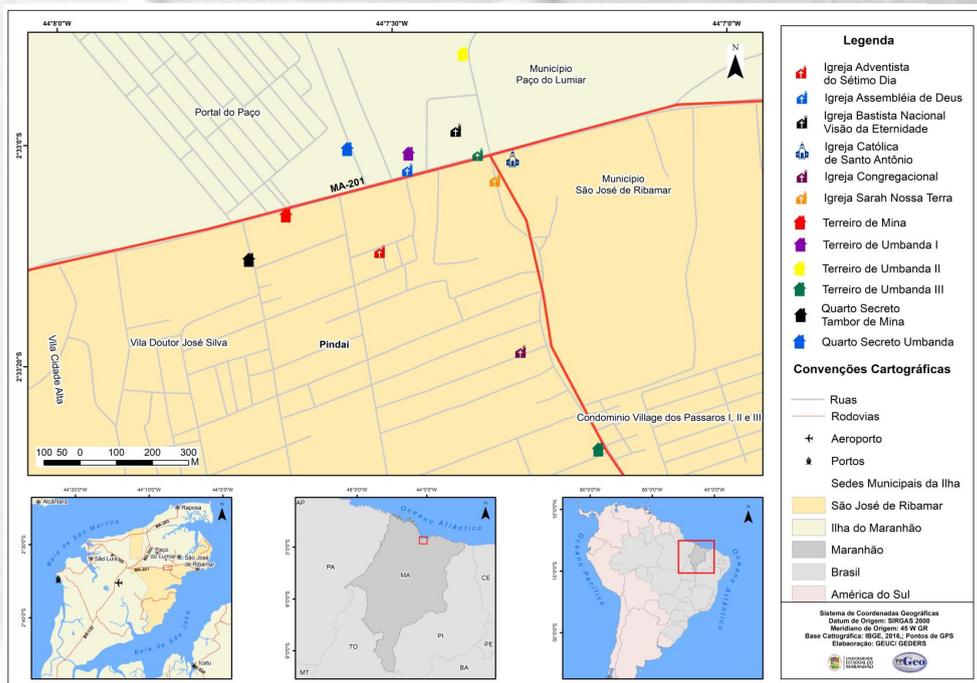


Mas alimento na esperança, o sustento do sonho;  
no riso da criança.

Com fé em Deus, sigo a caminhar, acreditando;  
que as sementes do amanhã haverão de germinar  
sigo a caminhar, encantando, os olhos do ser  
com o verde do amanhã  
que haverá de nascer.



# A Religiosidade se identifica aqui!



*Aquece a alma e o coração  
a arte e expressão  
representadas em  
vasta imensidão  
na cultura  
do Maranhão.*



METAMORFOSE  
do **LUGAR**

E não pode faltar o mosaico da permanência precisa se destacar.

Criação de Galinha



Forno de Farinha



Murici



Maniva



Plantas Medicinais



Plantas Ornamentais



# E assim o mosaico das mudanças apresentar

Entrada Wang



Entrada Tracoá



Conveniência Sampaio



Conveniência Posto



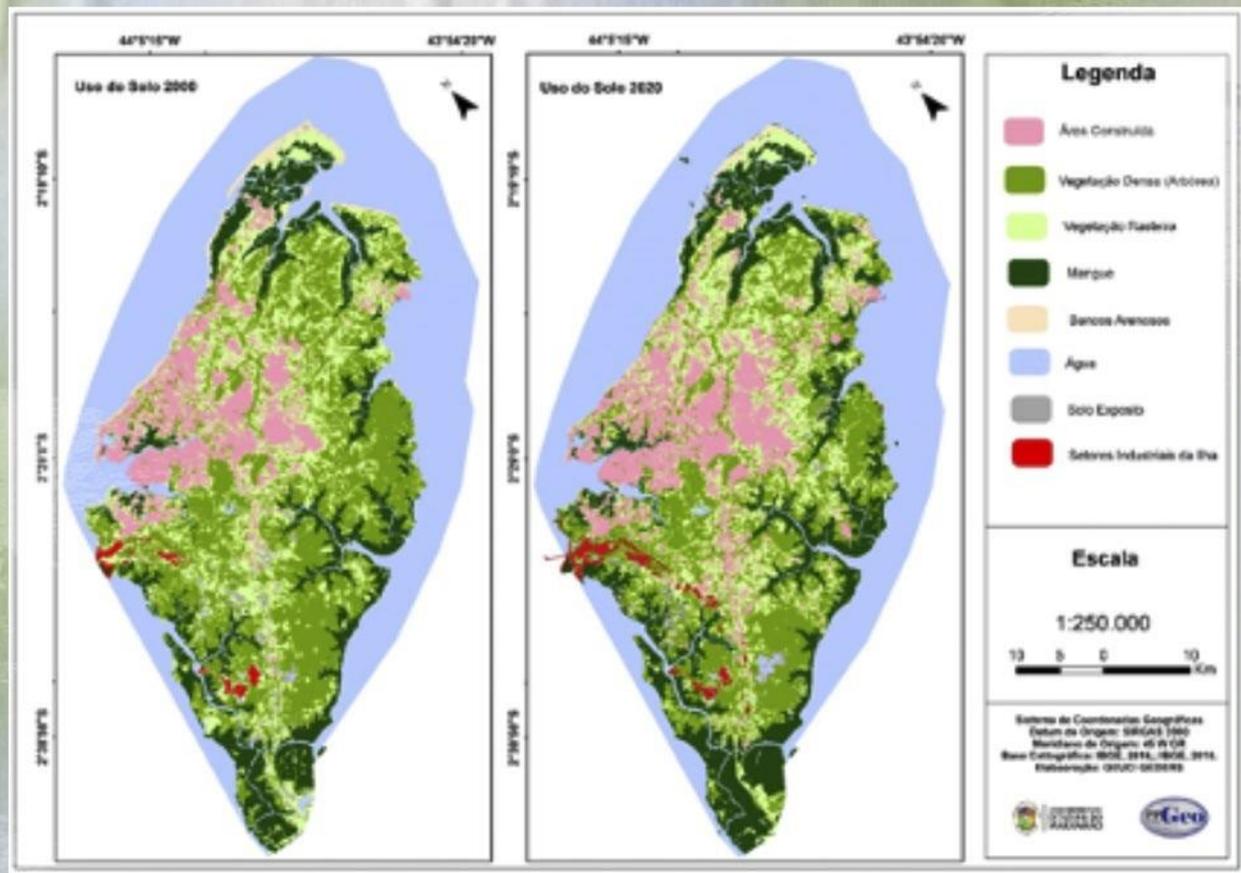
Panificadora/ Gran Motos



Depósito Fik Fik



# Num comparar o mapa de uso da terra a recordar



Então, vamos ao ...



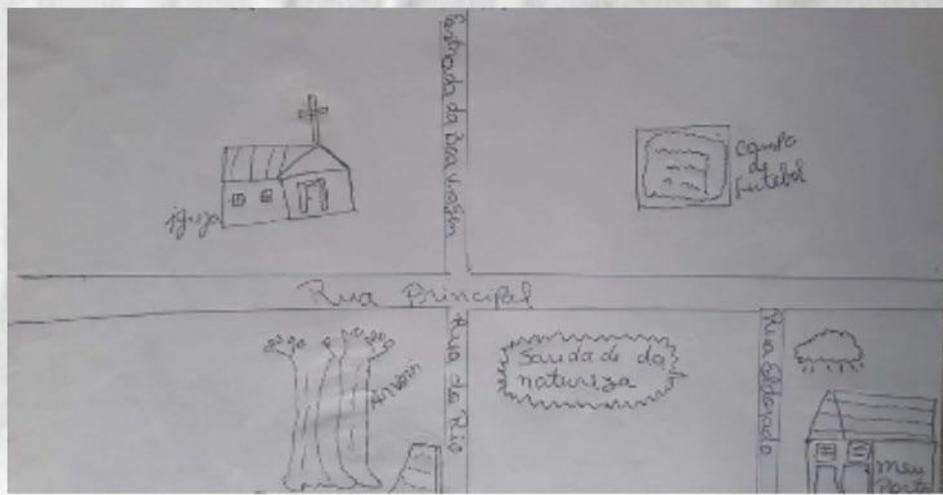
CENÁRIO da  
**PERCEPÇÃO**

Como retratar, o perceber, de cada ser?

Talvez responder, não seja a opção;

Mas, provoca a vocação, de escutar com atenção;

e através de desenhos, a representação, da Percepção.



Nesta aldeia guaxenduba nasci  
neste chão cresci, entre juçarais  
e o sopro de cantos ancestrais  
beijando madeixas de buritizeiros  
acalentando sonhos primeiros, infância  
entre a adversidade e a esperança  
embalada na rede do tempo... riso de criança.

Nesta aldeia guaxenduba banhei-me  
nas águas do Rio Pindaí batizei-me  
percorri a geografia da vida com o pendão  
de traduzir em poesia ou pesquisa, meu chão.

Nas planícies da Academia fatiguei-me  
insulada em incertezas, consagrei-me  
à missão de prosseguir, no dorso da luta  
posto que, viver é lutar, e toda labuta  
é lavrar os campos do futuro, é o amanhã arar

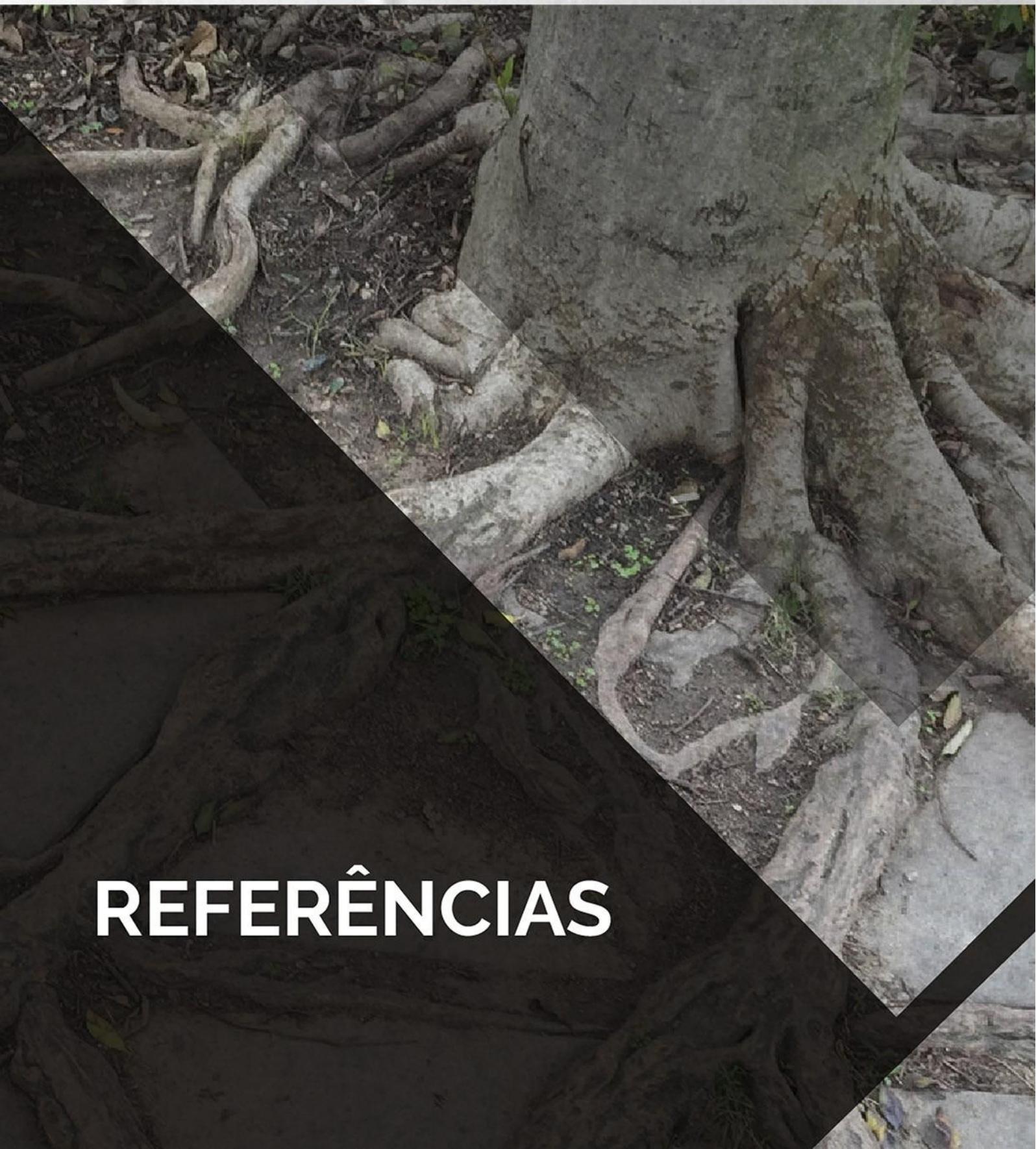
Revolver penínsulas de espantos solertes  
semear boas novas em sertões e agrestes  
edificando campos de lírios em planaltos arados  
semeadura de luz na selva de concreto armado.

Nesta aldeia guaxenduba  
tempo-espaco de outra temporalidade  
rosa dos ventos da subjetividade  
colho os frutos da lavoura pessoal  
passos na areia da vida de sol e sal...

O rio que feneceu como pétala subtraída à rosa  
ainda singra as margens de meu íntimo  
na biana da memória, o Rio Pindaí ainda respira  
e meus ancestrais, negros e guaxendubas banham  
nas águas que correm na órbita de um rio de fé  
desaguando cantos ancestrais na baía de São José.

Autor: Theotônio Fonseca

As raízes do saber estão entrelaçadas  
pois sozinho não é possível colher rosas dentre espinhos  
ou percorrer os ciclos da vida, fazer os passos que caminham  
na estrada de sonhos tecida, nas veredas da jornada.



# REFERÊNCIAS

Katiuse Mendes Lopes (Mestranda)

Profa. Dra. Ana Rosa Marques (Orientadora)

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Júnior  
(Examinador Externo)

Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza  
(Examinador Interno)

### CRÉDITOS DAS FOTOS:

Alberth Lobão Júnior

Katiuse Mendes Lopes

### CRÉDITOS DOS MAPAS:

Edelson Maciel

Paulo Pereira

### CRÉDITOS DOS DESENHOS:

Luciane Ferreira Silva

Suelma Cristina Mariano Farias

Graceni de Pereira da Cruz